

Dimensões de Utilitarismo e a Escala de Utilitarismo de Oxford

Fábio Vacaro Culau

Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob orientação do Prof. Dr. Gustavo Gauer e
coorientação da doutoranda Bruna Wagner Fritzen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Porto Alegre, julho de 2019.

FÁBIO VACARO CULAU

**DIMENSÕES DE UTILITARISMO E A ESCALA DE UTILITARISMO DE
OXFORD**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Gustavo Gauer e apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de psicólogo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE
2019

FÁBIO VACARO CULAU

**DIMENSÕES DE UTILITARISMO E A ESCALA DE UTILITARISMO DE
OXFORD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção de grau de
psicólogo pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Porto Alegre, 3 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Gauer
Professor do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Orientador)

Júlio Frota Lisbôa Pereira de Souza
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Comentador)

Sumário

Lista de Figuras e Tabelas	5
Resumo	6
Abstract	6
Introdução	8
Utilitarismo	9
Moralidade moderna, utilitarismo e sciência	10
O utilitarismo e os dilemas morais de sacrifício	11
Modelo Bidimensional da Psicologia Utilitarista e dilemas sacrificiais	13
A Escala Oxford de Utilitarismo (OUS)	17
Método	21
Fase 1 - Adaptação Transcultural da OUS	21
Resultados	21
Fase 2 - Aplicação da escala traduzida ao público-alvo	27
Delineamento	27
Participantes	27
Instrumentos	27
Procedimento	29
Análise dos Dados	30
Considerações Éticas	30
Resultados	31
Discussão	40
Considerações finais.....	44
Referências	46
Anexos	50
Anexo A – <i>Oxford Utilitarianism Scale</i> em inglês e em português	50
Anexo B – Teste de Juízo Moral	52

Anexo C – Dilemas <i>footbridge</i> e <i>switch</i>	56
Anexo D – Escala de Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI)	57
Anexo E – Questionário de Regulação Emocional (QRE)	59
Anexo F – Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral	60
Anexo G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	68
Anexo H – Aprovação do Comitê de Ética	71

Lista de Figuras e Tabelas

Figura 1. Critério de agrupamento baseado nas respostas aos dilemas <i>switch</i> e <i>footbridge</i> ..	28
Tabela 1. Respostas dos participantes, baseadas nas diretrizes de Beaton et al. (2000)	24
Tabela 2. Características sociodemográficas	31
Tabela 3. Tabela da análise dos componentes principais dos itens da OUS	33
Tabela 4. Cargas fatoriais da Análise Fatorial Confirmatória da OUS	34
Tabela 5. Qui-quadrado da Análise Fatorial Confirmatória	35
Tabela 6. Medidas de ajuste da Análise Fatorial Confirmatória	35
Tabela 7. Tabela da matriz de correlações entre escores da OUS e dos construtos relacionados.....	36
Tabela 8. Análise de Variância <i>one-way</i> entre os três grupos de utilitarismo e os escores dos instrumentos OUS, EMRI e QRE	37
Tabela 9. Estatísticas descritivas das subescalas da OUS por grupo de utilitarismo	38
Tabela 10. Teste post-hoc Games-Howell dos escores da IH entre os grupos de utilitarismo	38

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados do processo de tradução e adaptação cultural da *Oxford Utilitarianism Scale* para o português do Brasil e a realidade brasileira. Usualmente, estudos sobre a tomada de decisão moral no campo da psicologia têm encontrado resultados que apontam para uma associação entre tendências de respostas utilitaristas e inclinações agressivas e antissociais. Um grupo de pesquisadores recentemente apresentou evidências de que as investigações até então realizadas estavam associando respostas “ditas utilitaristas” em dilemas de sacrifício a uma única dimensão (dano instrumental). Esse mesmo grupo propôs um modelo bidimensional do utilitarismo, composto por duas dimensões, uma negativa (o dano instrumental) e outra positiva (a beneficência imparcial), e criou uma escala para mensuração dessas duas dimensões, a *Oxford Utilitarianism Scale* (OUS). Assim, no escopo do presente estudo, foi realizada uma coleta de dados da versão piloto da escala traduzida para o português brasileiro e foram levantadas evidências de validade de construto das subescalas através da comparação com instrumentos que medem regulação emocional, empatia e utilitarismo (através de dilemas de sacrifício). Detectou-se uma diferença significativa entre o escore da subescala IH (*Instrumental Harm* - dano instrumental) da OUS entre os Não Utilitaristas e os Majoritários, mas não houve uma diferença significativa entre os Não Utilitaristas e os Utilitaristas, indicando uma desvinculação do utilitarismo nos dilemas à dimensão negativa do utilitarismo (IH). Esse dado vai ao encontro da teoria bidimensional, que tenta justamente entender o utilitarismo como algo mais amplo que apenas a vinculação com a facilidade de se provocar um dano instrumental quando diante de um dilema.

Palavras-chave: decisão moral, dilemas de sacrifício, utilitarismo; dano instrumental, beneficência imparcial.

Abstract

This paper presents the results of the process of translation and cultural adaptation of the Oxford Utilitarianism Scale for Brazilian Portuguese and Brazilian reality. Usually, studies on moral decision making in the field of psychology have found results that point to an association between tendencies of utilitarian responses and aggressive and antisocial inclinations. A group of researchers recently presented evidence that the investigations hitherto conducted were associating “so-called utilitarian” responses in sacrificial dilemmas to a single dimension (instrumental harm). This same group proposed a two-dimensional model of utilitarianism, composed of two dimensions, one negative (instrumental harm) and one positive (impartial

beneficence), and created a scale for measuring these two traits, the Oxford Utilitarianism Scale (OUS). Thus, in the scope of the present study, a data collection of the pilot version of the scale translated into Brazilian Portuguese was carried out, and evidence of construct validity of the subscales was collected through comparison with instruments that measure emotional regulation, empathy and utilitarianism (through sacrificial dilemmas). A significant difference was found between the IH subscale (Instrumental Harm) score between Non-Utilitarians and Majoritarians, but there was no significant difference between Non-Utilitarians and Utilitarians, indicating a dissociation from utilitarianism in dilemmas to the negative dimension of utilitarianism (IH). This data is in line with two-dimensional theory, which attempts to understand utilitarianism as something broader than just linking to the facility of provoking instrumental harm when faced with a dilemma.

Key-words: moral decision; sacrificial dilemmas, utilitarianism, instrumental harm, impartial beneficence.

Introdução

O comportamento moral, de acordo com Adolfo Sánchez Vázquez (Vázquez, 1969/1984), é composto por ações que têm um caráter coletivo, porém livre e consciente. Trata-se, quando se pensa na atitude de um indivíduo, não de uma conduta rigorosamente individual, mas que tem consequências, em algum sentido, para os demais. Por essa razão, é, portanto, objeto de sua aprovação ou reprovação. Mais do que isso, não se trata de uma conduta de um sujeito isolado. Com efeito, de uma pessoa perdida, sozinha, em uma ilha deserta, não se poderia dizer que age moralmente, uma vez que seus atos, em princípio, não afetam ninguém.

Depreende-se do entendimento acima exposto que uma escolha que interfere de alguma forma na situação de outro indivíduo é considerada uma decisão moral. Nesse sentido, se eu decido me deitar na areia, em frente ao mar, isso, em princípio, não é uma tomada de decisão moral; no entanto, se, ao meu lado uma pessoa tropeça e cai, o ato de escolher ajudar pessoa a se levantar ou seguir deitado, isso sim pode ser considerado uma tomada de decisão moral. Qualquer ação minha nesse caso pode ser objeto de uma qualificação moral (positiva ou negativa) porque afeta o outro ou, mais exatamente, a minha relação com outro indivíduo. Assim, a moral tem um caráter social no sentido de que regula a conduta individual cujos resultados e consequências afetam outras pessoas (ou, como veremos adiante, em se tratando uma certa visão utilitarista, que afetam outros seres sencientes).

Saindo um pouco da filosofia e falando agora de psicologia, recentemente, uma linha de investigação das funções da moralidade humana (Graham, Haidt, & Nosek, 2009; Haidt & Kesebir, 2010) tem procurado “entender os mecanismos psicológicos subjacentes aos pensamento e comportamento morais” (Cushman, 2011). Resultados que podemos considerar de certa forma surpreendentes têm sido obtidos por meio dos experimentos realizados. Tais resultados sugerem a fragilidade do posicionamento moral. Isto é, seres humanos, em vez de seguir a coerência ao realizar julgamentos morais, são influenciados por fatores emocionais (Valdesolo & DeSteno, 2006), ambientais (Schwarz & Clore, 1996) e fisiológicos (Crockett, Clark, Hauser, & Robbins, 2010). As melhores hipóteses de respostas a esses problemas têm entendido esses resultados por meio da interação entre cognição e emoção (Greene et al., 2001; Greene, Nystrom, Engell, Darley, & Cohen, 2004; Paharia, Kassam, Greene, & Bazerman, 2009; Cushman, 2013; Valdesolo & DeSteno, 2006).

Na esteira desses estudos, entendendo que os dilemas de sacrifício usualmente utilizados para a investigação do processo de tomada de decisão acabavam por ter como resultados uma associação entre tendências de respostas utilitaristas e inclinações agressivas e

antissociais, Kahane e colegas (Kahane et al., 2017) desenvolveram uma escala para a avaliação do utilitarismo em pessoas leigas (não filósofos). Assim, a Escala Oxford de Utilitarismo (*Oxford Utilitarianism Scale* - OUS), assumindo que o utilitarismo apresenta duas dimensões (uma positiva e outra negativa), propõe que essas dimensões são identificadas nas pessoas como dois traços psicológicos distintos, e não como um traço único - como sugerem pesquisas anteriores.

Usando então o referencial bidimensional, Kahane e colegas (2017) desenvolveram, refinaram e validaram uma nova abordagem para medir essa tomada de decisão que influencia tanto as dimensões positivas quanto as negativas de tendências protoutilitárias na população leiga. O projeto ao qual este trabalho se vincula tem por objetivo, portanto, traduzir e validar o resultado desse grande esforço realizado para a língua portuguesa e para o contexto brasileiro: a *Oxford Utilitarianism Scale* (OUS).

Utilitarismo

Jeremy Bentham, um precursor clássico da teoria consequencialista, afirma que fazer o bem, ser uma boa pessoa, é tornar o mundo melhor por meio de uma ação que maximize o bem. Mas o que seria o bem? Na sua perspectiva, isso se resumiria ao prazer. Entendia o pensador que prazer e dor seriam os dois mestres da humanidade; caberia, pois, a eles a decisão de como o homem deve agir. O dever moral seria então o de escolher as ações que produzirão a maior quantidade total de bem, de sensação de prazer, do que dor. Nesse sentido, escolher a ação que teria como consequência a maior quantidade de bem corresponderia a uma conduta guiada pelo princípio da utilidade. Dessa forma, combinando o consequencialismo com a ideia de assistencialismo - welfarism, segundo Kagan (Bartels, Bauman, Cushman, Pizarro, & McGraw, 2014) -, tem-se a principal corrente do consequencialismo a ser mencionada nos estudos atuais sobre a moralidade: o utilitarismo.

De acordo com o utilitarismo, “um ato é correto se, e somente se, levar à maior quantidade total de bem-estar” (Kagan, 1998). Os utilitaristas afirmam que é preciso ter um ponto de vista imparcial com o único objetivo de maximizar o bem-estar de todos os seres, sem distingui-los pela distância pessoal, emocional, espacial ou temporal (Kahane et al., 2017). No mesmo compasso, entende-se que restrições morais não poderiam ser usadas para justificar o desvio desse objetivo único que é maximizar o bem comum.

Desde Bentham, essa ideia tem sido altamente influente e controversa (Kahane et al., 2017). Utilitaristas como Bentham, John Stuart Mill e Peter Singer influenciaram e continuam influenciando diversas ideias progressistas (Kahane et al., 2017) como a luta contra o sexismo

e o racismo, as liberdades política e sexual, a importância de erradicar a pobreza em países em desenvolvimento e o encorajamento de atitudes mais permissivas em relação ao aborto e à eutanásia (Kahane et al., 2017). Apesar da popularidade destes temas, os utilitaristas sempre foram uma pequena minoria, que sempre encontra forte resistência perante a sociedade (Kahane et al., 2017).

Moralidade moderna, utilitarismo e senciência

Nos dias atuais, a moralidade secular tem sido entendida como a gradual expansão do círculo de seres com os quais nos preocupamos, partindo daqueles que são emocionalmente íntimos, fisicamente próximos ou semelhantes a nós, indo em direção a uma preocupação com a humanidade como um todo, e até mesmo com todos os seres sencientes (Singer, 1981; Pinker, 2011). Antigamente, os seres humanos não possuíam informações sobre o que ocorria com outros povoados a alguns quilômetros de distância. Então a preocupação moral envolvia o indivíduo e as pessoas que viviam ao seu redor. O conflito moral se dava basicamente, portanto, entre o que é melhor para si e o que é melhor para o grupo ao qual esse indivíduo pertence. Hoje esse embate se complexificou. O ser humano obtém informações de diversas “tribos” diferentes: terras distantes, outras etnias, culturas e hábitos muito diversos. Essas informações são constantes e muito realistas, pois são compostas por imagens e vídeos reais, para muito além dos relatos, orais ou escritos, de outrora. A moral moderna passa então a ter como questão central o conflito entre o que é melhor para o grupo do qual faço parte e o que é melhor para os outros grupos dos quais não faço parte.

Essa lógica se estende a todos os seres sencientes, que são aqueles nos quais se reconhece a capacidade de sentir e perceber através dos sentidos, recebendo impressões e sensações. Têm-se, contudo, expandido o termo para designar seres nos quais se reconhece a capacidade de experienciar sentimentos, advindo daí o termo “animais sencientes”, como pode ser observado na página da organização não governamental internacional *Animal Ethics* (<https://www.animal-ethics.org/senciencia-secao/introducao-a-senciencia/senciencia-animal/>, acessado em 27 de maio de 2019). Ou seja, a preocupação moral se estende para além da humanidade. O ser humano toma como objeto da moralidade todo ser no qual reconhece (ou possa reconhecer) essa capacidade de sentir e perceber através de seus sentidos.

O fenômeno da expansão do círculo de concernimento é importante para este trabalho porque o utilitarismo advoga a ideia de maximização do bem-estar geral. A beneficência integral e imparcial (considerada a dimensão positiva do utilitarismo por Kahane e colegas) entende o bem-estar de todos os sujeitos moralmente relevantes como igualmente importante.

Agora, exatamente quais seres se enquadram no escopo de tal preocupação depende de outras questões sobre bem-estar, sobre a relação entre bem-estar e senciência, e sobre quais coisas vivas possuem senciência num sentido relevante, uma vez que um utilitarista pode dar igual consideração ao bem-estar de todos os seres sencientes, mas sustentar que, por exemplo, os peixes não são sencientes num sentido relevante (Kahane et. al., 2017). Ademais, se o traço calculador e maximizador do utilitarismo já é considerado problemático para alguns (Kahane et al., 2017), isso se complexifica quando levamos em conta a questão da abrangência dos seres aos quais se estende o concernimento.

O utilitarismo e os dilemas morais de sacrifício

Dilemas de sacrifício (*sacrificial dilemmas*) são dilemas nos quais o tomador da decisão precisa decidir se mata uma pessoa para prevenir a morte de outras (Bartels & Pizarro, 2011). Dentre os dilemas de sacrifício, as versões do dilema do tipo *trolley* são as mais utilizadas e vêm oferecendo evidências importantes sobre os fatores de aquisição de informação e de seu processamento cognitivo em situações morais. O paradigma do *trolley* se caracteriza pela possibilidade de alguém salvar a vida de cinco pessoas ao custo da morte de uma outra (Shenhav & Greene, 2014) em um cenário que envolve um bonde - ou um trem - desgovernado. As ações e o posicionamento do participante no contexto do dilema variam de acordo com as versões e com os fatores que se busca manipular em cada caso. Quando perguntadas se agiriam, fazendo com que a pessoa morra em favor do salvamento das cinco outras, a maioria das pessoas responde que sim em determinados cenários, e que não em outros (Greene et al., 2001; Hauser, Cushman, Young, Jin, & Mikhail, 2007). Diferentes fatores são controlados ou manipulados no nível da forma e do conteúdo da informação que é fornecida ao sujeito, ou das limitações e exigências sobre as suas ações possíveis. Greene et al. (2001), por exemplo, manipulam a pessoalidade na ação a ser tomada pelo sujeito para sacrificar a vítima.

O dilema *switch*, quando assim designado no presente trabalho, referir-se-á à versão original do dilema *Trolley* (Foot, 1978), muito intitulado *The Trolley Problem* (Thomson, 1985). Esta consiste em um cenário onde há um trilho de trem bifurcado. Sobre a bifurcação esquerda se encontram cinco trabalhadores ferroviários e sobre a direita apenas um trabalhador ferroviário. Um trem está vindo em direção à bifurcação e irá seguir pela esquerda, atropelando os cinco trabalhadores. A única forma de salvar a vida dessas cinco pessoas é puxando uma alavanca. Essa ação será capaz de fazer com que o trem desvie para o trilho à direita, atropelando apenas um funcionário (Foot, 1978; Thomson, 1985).

O dilema *footbridge* (Thomson, 1985) é um exemplo de dilema do tipo *Trolley*. O cenário é similar: consiste em uma ponte por baixo da qual há um trilho de trem. O participante do experimento é convidado a se passar por uma pessoa que se encontra sobre esta ponte e observa de um lado cinco trabalhadores ferroviários que estão trabalhando sobre os trilhos e do outro lado enxerga um trem se aproximando. A única opção que o participante tem de salvar a vida dos cinco trabalhadores é fazendo com que a pessoa muito pesada que se encontra sobre a ponte junto a ele caia em frente ao trem, pois somente seu peso seria capaz de pará-lo. Quando perguntados se agiriam, fazendo com que a pessoa morresse em favor do salvamento das cinco outras, a maioria dos participantes das pesquisas responde que agiria diante do primeiro cenário, do *switch*, mas que não agiria no segundo, do *footbridge* (Greene et al., 2001; Hauser, Cushman, Young, Jin, & Mikhail, 2007).

Por meio de estudos com dilemas morais de sacrifício, pesquisadores têm tentado identificar os fundamentos psicológicos e até neurais da disputa entre utilitaristas e seus oponentes - defensores de pontos de vista deontológico, associados à concepção de moral proposta por Immanuel Kant (Kahane et al., 2017). A concepção deontológica (do grego, *deon*, “dever, obrigação”), na filosofia moral contemporânea, é uma das chamadas teorias normativas, segundo as quais as escolhas são moralmente necessárias, proibidas ou permitidas (teorias do DEVER). Nesse sentido, podemos descrevê-la como a ética baseada na “obrigação” ou em “regras”, porque às regras se vincula um dever. A moral deontológica tem como base, portanto, a conduta humana baseada no imperativo categórico kantiano: “Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal”. Assim, fica mais fácil entender a oposição entre a moral deontológica e a moral utilitarista. Segundo a visão utilitarista, o que faz uma ação ser considerada boa é a sua consequência. Mais especificamente, a melhor ação, moralmente falando, é aquela que promove o maior bem-estar geral.

Nesse sentido, Peter Singer, expoente contemporâneo do pensamento utilitarista, argumenta que as visões morais deontológicas são baseadas em reações viscerais, imediatas, e por intuições moldadas por religiões e pressões evolutivas. Dessa forma, entende que uma reflexão cuidadosa certamente levaria-nos a abandonar essas visões e então abraçar o utilitarismo, uma visão mais lógica, baseada na reflexão racional (Singer, 2005).

De acordo com o viés que opõe, no âmbito do processo de tomada de decisão moral, as decisões guiadas pela “lógica fria” àquelas em que somos levados por “emoções equivocadas”, tentou-se intensamente compreender a cognição humana por meio de modelos de processos duplos (os quais compreendem a cognição como resultante da competição entre processos

rápidos, intuitivos e automáticos, por um lado, e processos lentos, deliberativos e controlados, por outro). Nesse sentido, Greene e colegas (Greene, 2007; Paxton, Bruni, & Greene, 2014) aplicaram o modelo de processo dual aos julgamentos morais para sugerir que julgamentos deontológicos (recusar sacrificar uma pessoa para salvar várias) são baseados na intuição imediata e nas reações emocionais, e que julgamentos utilitários (sacrificar uma pessoa para salvar um número maior) são exclusivamente atribuíveis ao esforço de raciocínio. Para isso, utilizaram dilemas morais de sacrifício.

Dessa forma, pesquisas nas quais respostas “utilitárias” em dilemas de sacrifício foram associadas com psicopatia e, de modo mais geral, com tendências agressivas e antissociais - incluindo aí, por óbvio, reduzidas preocupação e desconforto em prejudicar ou ferir os outros (Bartels & Pizarro, 2011; Glenn, Koleva, Iyer, Graham, & Ditto, 2010; Kahane, Everett, Earp, Farias, & Savulescu, 2015; Wiech et al., 2013), trazem uma inquietação. Afinal, por definição, os utilitaristas devem se preocupar com o bem de todos os seres sencientes; já os psicopatas notoriamente se importam apenas com o próprio bem. Então, por que a psicopatia é um dos traços mais consistentemente associados ao que supostamente são casos paradigmáticos de julgamento utilitário?

Bartels e Pizarro (2011) apontam para uma possível contradição nesses resultados, na medida em que aportam em sua pesquisa evidências de que a utilização de dilemas de sacrifício no estudo do julgamento moral predispõe uma indiferenciação entre pessoas motivadas a endossar escolhas morais utilitaristas devido a déficits emocionais subjacentes e aquelas que endossam tais escolhas por genuína preocupação com o bem-estar dos outros e por acreditar que o utilitarismo é a melhor maneira de alcançar os objetivos da moralidade (Bartels & Pizarro, 2011). Aliás, a própria ideia de utilitarismo pressupõe a preocupação com o bem-estar geral, enquanto, por seu turno, a noção de transtorno de personalidade antissocial está associada a uma preocupação mais autocentrada (Kahane et al., 2017). Nesse sentido, Kahane et al. (2017) propõem então um modelo para tentar explicar essa aparente contradição e entender o utilitarismo de uma forma mais completa: o Modelo Bidimensional da Psicologia Utilitarista (*Two-Dimensional Model of Utilitarian Psychology*).

Modelo Bidimensional da Psicologia Utilitarista e dilemas sacrificiais

Segundo o Modelo Bidimensional da Psicologia Utilitarista (*Two-Dimensional Model of Utilitarian Psychology*), o utilitarismo teria uma dimensão negativa e outra positiva. Nesse sentido, o dano instrumental (*instrumental harm*), sua dimensão negativa, pode ser definido como sendo a disposição de sacrificar um indivíduo com o objetivo de salvar uma quantidade

maior de pessoas (Kahane et al., 2017). Essa ideia se ampara na noção clássica de utilitarismo, a qual considera a maximização do bem-estar geral. Com efeito,

A primeira maneira pela qual o utilitarismo se afasta da moralidade do senso comum é que ele não coloca restrições sobre a maximização do bem-estar coletivo. Se matar uma criança com uma grave deficiência levasse a um bem maior - como [Peter] Singer acredita ser o caso, pelo menos às vezes, então o utilitarismo, em contraste gritante com a moralidade do senso comum, exigiria que a criança fosse morta. ... Mas esse requisito é apenas um aspecto do utilitarismo: especificamente, é o negativo - dimensão de acordo com a qual somos permitidos (e mesmo instados) a usar instrumentalmente, prejudicar gravemente ou até matar pessoas inocentes para promover o bem maior. Chamamos essa dimensão de “dano instrumental.” (Kahane, 2017, p. 2, tradução livre)

O conceito de dano instrumental tem aparecido em muitos estudos (Moore, Clark & Kane, 2008; Bartels, Bauman, Cushman, Pizarro & McGraw, 2015; Greene, 2015), apesar de os autores não utilizarem a mesma nomenclatura para essa ideia. Nesse sentido, a grande contribuição teórica para o estudo dos processos psicológicos de tomada de decisão moral que Kahane e colegas apresentam é justamente a consideração do utilitarismo como um construto psicológico composto por duas dimensões, uma negativa (já bem conhecida e estudada) e outra positiva - esta sim originalmente proposta pelo grupo de pesquisadores liderados por Kahane.

A outra dimensão do utilitarismo seria a beneficência imparcial (*impartial beneficence*). Essa dimensão, é importante dizer, também se afasta da moralidade do senso comum. Lembremos que o utilitarismo exige que maximizemos, não nossas próprias preferências ou bem-estar (e nem mesmo o daqueles que são próximos ou queridos por nós, ou dos que são nossos compatriotas), mas o bem-estar de todos os seres sencientes no planeta, de tal maneira que “cada um conte por um e nenhum por mais de um” (Bentham, 1789/1983). Essa dimensão explica por que o utilitarismo é às vezes descrito como uma forma de beneficência universal ou imparcial (o que consideramos sua dimensão positiva).

Kahane e colegas sugerem, portanto, que há um “defeito” nos estudos que utilizam os conhecidos dilemas morais de sacrifício (como o famoso dilema do vagão de trem desgovernado e suas variações), uma vez que tais dilemas acabam por dar visibilidade a apenas uma dimensão do utilitarismo - justamente, a sua dimensão negativa, a do dano instrumental (Kahane et al., 2017). Isso explicaria as descobertas intrigantes, e até mesmo contraditórias (como associar traços de psicopatia a julgamentos utilitaristas). Ocorre que, ainda que um psicopata possa ser mais propenso a empurrar uma pessoa de uma ponte para salvar outras cinco ou a ficar menos chocado com o apoio ao infanticídio ou à eutanásia, seria surpreendente

que se engajasse em uma atividade altruísta voluntária ou se mostrasse preocupado com a situação de pessoas desconhecidas em situação de vulnerabilidade em países distantes.

Em outras palavras, o paradigma dos dilemas do sacrifício ignora ou subestima o núcleo positivo, imparcial e altruísta de uma abordagem utilitarista da ética. Por meio desses dilemas, a moralidade do senso comum (*commonsense morality*) costuma aflorar. De acordo com Kahane (Kahane, 2015), os filósofos por vezes contrastam as teorias éticas com o que costumam chamar de "moralidade do senso comum" (as visões morais pré-teóricas do povo). Ainda que a moralidade do senso comum não possa ser vista como uma unidade ou uma teoria abstrata, no artigo acima referido, Kahane elenca suas características principais: não é utilitária (ou seja, não tem como único objetivo a maximização do bem-estar agregado de todos os seres sencientes); é pluralista (reconhece uma pluralidade de regras e considerações morais bastante específicas, não um único princípio abstrato como o Princípio de Utilidade de Bentham ou o Imperativo Categórico de Kant); conseqüentemente, nem sempre trata as regras como obrigatórias (isto é, apesar de ser deontológica - no sentido de não ser utilitária -, não se baseia em um conjunto de proibições absolutas); e confere grande significado moral à prevenção de danos e, de modo mais geral, à promoção do bem-estar das pessoas (por exemplo, salvar mais vidas é moralmente melhor do que poupar menos).

Diferentemente do que prega a moral utilitarista, às vezes é permissível, pelo viés da moralidade do senso comum, sobrepor-se a algum princípio deontológico, se o seu seguimento acarretar um grande dano. Isto é especialmente verdadeiro em situações de emergência, quando o dano a ser evitado é muito significativo (pensemos na triagem médica). Para ilustrar, muito poucas pessoas endossariam a alegação contraintuitiva de Kant de que é errado mentir mesmo que isso seja necessário para evitar um assassinato. Quanto ao utilitarismo, sua radicalidade está em rejeitar não uma ou algumas restrições deontológicas sobre a maximização da utilidade, mas todas elas.

Nesse sentido, as pessoas, em geral, enxergam a opção utilitarista como sendo a provocação de um dano a alguém como meio de se atingir um fim. Pelo viés da moralidade do senso comum - fomentada nos dilemas de sacrifício - não se enxergaria o quanto a decisão utilitarista coloca no mesmo patamar a vida de todos os envolvidos como igualmente válidas e importantes (algo que seria muito pouco provável numa decisão não-utilitarista). Ao escolher a morte de cinco a matar um, a vida desse último estaria acima da vida dos outros cinco. Essa dimensão positiva também considera o altruísmo. Ao escolher a solução utilitarista, o tomador de decisão estaria priorizando a vida das pessoas envolvidas no dilema em detrimento de sua dificuldade de se expor a sentimentos negativos, de fazer algo ruim, de se sentir mal, de ser

punido: ser o provocador do mal não é bom ou agradável, mas é necessário para proteger vidas. O utilitarista estaria colocando o bem dos outros acima de seu próprio bem, algo que um psicopata não faria. O psicopata tomaria a decisão utilitarista sem sofrer, de forma que não estaria sendo altruísta.

Compreende-se então que duas décadas de pesquisa empregando dilemas sacrificiais para estudar o pensamento "utilitarista" lançou luz apenas, ou quase que exclusivamente, sobre a dimensão do dano instrumental (as condições sob as quais as pessoas acham aceitável causar danos a outras pessoas tendo em vista um bem maior). Isso, no entanto, diz pouco sobre as causas da preocupação imparcial pelo bem maior, embora esse objetivo altruísta positivo e abrangente seja o cerne de uma abordagem utilitarista. Com efeito, Jeremy Bentham escreve o seguinte em *Introduction to the Principles of Morals and Legislation*:

Por princípio da utilidade, entendemos o princípio segundo o qual toda a ação, qualquer que seja, deve ser aprovada ou rejeitada em função da sua tendência de aumentar ou reduzir o bem-estar das partes afetadas pela ação. ... Designamos por utilidade a tendência de alguma coisa em alcançar o bem-estar, o bem, a beleza, a felicidade, as vantagens, etc. O conceito de utilidade não deve ser reduzido ao sentido corrente de modo de vida com um fim imediato. (Bentham, 1781/2000, pp. 14-15 - tradução livre)

O utilitarismo deveria, portanto, estar associado a finalidades positivas, focadas em promover o bem, e não no mal que precisaria ser enfrentado para a promoção do bem-estar. Considerando então que o cerne da ética utilitarista reside na importância de se atingir a felicidade, é possível evidenciar que esse foco no bem-estar geral foi deixado de lado nas pesquisas das últimas duas décadas. É nesse contexto que se insere a proposição da OUS por Kahane e colegas. Devido a essa desatenção em relação à intenção utilitarista, a nova escala traz como novidade a dimensão positiva do utilitarismo e também aporta um novo quadro teórico para pensar o julgamento moral protoutilitarista na população leiga. Seus criadores investigaram a relação entre julgamentos pró-sacrifício e aspectos indicadores de uma preocupação com o bem-estar geral, tais como disposição de doar dinheiro para reduzir o sofrimento dos necessitados nos países pobres, rejeitar o favoritismo para com seus compatriotas sobre pessoas desconhecidas e distantes, e identificar-se com toda a humanidade (Kahane et al., 2015). Como resultado, é apresentada a Teoria Bidimensional do Utilitarismo, já acompanhada da OUS, um instrumento que se mostrou devidamente capaz de medir essas dimensões.

A Escala Oxford de Utilitarismo (OUS)

A proposição da Teoria Bidimensional do Utilitarismo e da Escala de Utilitarismo de Oxford foi amparada por uma extensa investigação. Kahane e seus colegas (2017) desenvolveram uma pesquisa abrangente da literatura existente sobre o utilitarismo para criar um conjunto inicial de itens. Houve o cuidado de escolher itens que abarcassem os princípios abstratos do utilitarismo, bem como itens que se baseassem em julgamentos morais do mundo real, ilustrativos do pensamento utilitarista. Foi preciso também pensar em itens que abordassem os componentes positivos e negativos do utilitarismo. Ou seja, questões em que a ação correta fosse aquela que maximizasse imparcialmente o bem maior (componente positivo), e nas quais essa maximização fosse o fator central da ação moralmente correta, de tal forma que as regras e restrições deontológicas devessem ser rejeitadas quando representassem um obstáculo para o alcance desse objetivo (componente negativo).

Foram desenvolvidos mais ou menos 200 itens, na forma de vinhetas ou declarações curtas, descrevendo dilemas morais. Em seguida, realizou-se uma revisão dos itens para garantir uma fundamentação teórica robusta amparada na literatura e na experiência de filósofos morais profissionais. Foram revisadas discussões clássicas e mais recentes do utilitarismo. Dessa análise, restaram 94 itens, analisados por 11 filósofos profissionais que trabalham em instituições dedicadas à ética ou à filosofia moral e que têm pontos de vista diversificados, incluindo utilitaristas clássicos, consequencialistas que partem das visões utilitaristas clássicas e eticistas que rejeitam o consequencialismo em todas as suas formas. A partir dessa análise, alguns itens foram removidos e outros modificados, sobrando um total de 77 itens a serem utilizados no primeiro estudo de Kahane et al. (2017). Esses itens foram aplicados aos 960 participantes no primeiro estudo do artigo.

Além disso, foram realizadas análises fatoriais exploratórias para investigar qual modelo apresentaria uma melhor distribuição de fatores. As medidas psicométricas indicaram que a estrutura de dois fatores seria a mais forte. A seguir, foi verificado se a escala deveria ter dois fatores e se a escala precisaria ser refinada. Para confirmar a estrutura fatorial e estabelecer validade de contraste, foi recrutado um novo conjunto de participantes para completar a escala e um número de construtos teoricamente relacionados. O novo conjunto de dados com 282 participantes permitiu a realização de uma análise fatorial confirmatória para examinar quão bem as pontuações na OUS se relacionavam às medidas existentes de utilitarismo. O melhor ajuste de modelo foi o dos dois fatores que prevaleceram no estudo 1: dano instrumental (*instrumental harm*) e beneficência imparcial (*Impartial Beneficence*). No estágio final do

procedimento, o mesmo conjunto de dados que foi usado na análise fatorial confirmatória foi utilizado para avaliar a validade de construção da escala.

Ao criar a OUS, tomou-se o cuidado de garantir que ela fosse conceitualmente correta sem impor inadequadamente noções filosóficas abstratas sobre o pensamento moral dos não-filósofos. Assim, embora a escolha inicial do conjunto de itens tenha se baseado em uma análise aprofundada da literatura relevante em ética e examinada pelos principais filósofos morais profissionais, a escala final é empiricamente orientada e reflete grupos de avaliações morais estatisticamente robustas em grandes amostras tomadas da população leiga. Mais importante ainda, os achados de Kahane et. al (2017) evidenciam que as tendências protoutilitaristas não formam um fenômeno psicológico unitário na população leiga e, na verdade, consistem em dois subcomponentes amplamente independentes.

Uma observação importante, e que já nos faz antecipar um dos resultados encontrados no processo de construção e validação da OUS, é que não foram encontradas correlações entre julgamentos pró-sacrifício (ou, diríamos, pró-dano instrumental) e preocupação com o bem-estar geral na população leiga. Isso sugere que uma visão moral imparcial (traço utilitarista) pode, na verdade, estar em oposição a uma atitude permissiva em relação ao dano instrumental. Justamente por essa razão é que se teve o cuidado, na escala, de não classificar os julgamentos morais de não-filósofos como “utilitários” (mas sim como protoutilitários) e de não conceber tendências protoutilitárias em pessoas comuns em termos da frequência de tais julgamentos - e muito menos em termos da sua frequência em um domínio moral altamente específico. Em se tratando do presente estudo, porém, optou-se por não diferenciar tendências protoutilitárias e utilitárias. Nesse sentido, todo julgamento ou tomada de decisão moral com tendências utilitaristas será entendido como utilitário, desconsiderando o nível de entendimento dos participantes sobre as filosofias utilitaristas.

Kahane et al. (2017) concentraram a avaliação da validade de construto comparando a OUS com outras medidas de utilitarismo. Eles nos convidam a notar que a distinção traçada entre as medidas que avaliam diretamente a validade de construto e aquelas que mostram como a OUS funciona na prática pode ser vista como algo arbitrário, uma vez que quase toda a pesquisa anterior sobre o utilitarismo no âmbito da psicologia ignorou a beneficência imparcial. Foram utilizados: (a) um texto associado a ideias utilitárias, seguido de uma pergunta sobre o quanto o participante concorda com o texto; (b) dilemas morais de sacrifício; e (c) dilemas morais de “bem maior”. Os resultados demonstraram que a escala possui validade convergente com esses instrumentos: (a) os escores globais da OUS foram associados à resposta sobre se o participante estava de acordo com a declaração explícita da abordagem utilitarista; (b) os

escores da OUS-IH (subescala “dano instrumental” da OUS - *Instrumental Harm*) foram associados a respostas pró-sacrifício nos dilemas morais de sacrifício; e (c) os escores OUS-IB (subescala “beneficência imparcial” da OUS - *Impartial Beneficence*) foram associados a respostas em dilemas morais de “bem maior” que captam o endosso de auto-sacrifício e imparcialidade na moralidade dos participantes.

É importante considerar que os dilemas de sacrifício, além de ajudar no entendimento da estrutura cognitiva da tomada de decisão moral (trabalho de Greene e colegas), são também frequentemente usados para medir diferenças individuais em tendências utilitárias dentro de uma população, bem como diferenças em tais tendências entre as populações (ver, por exemplo, Bègue & Laine, 2017; Koenigs et al., 2007). Nesse sentido, Kahane et al. (2017) propuseram que a OUS substituísse os dilemas do sacrifício como um método para medir também essas diferenças individuais, mesmo no domínio do dano instrumental. Muito embora a OUS tenha sido desenvolvida para medir as perspectivas morais dos indivíduos (ao invés dos processos psicológicos envolvidos nos julgamentos morais), seus criadores entendem que ela também pode lançar luz sobre os fatores que moldam esses julgamentos em contextos mais específicos. Eles argumentam que, apesar de curta, a subescala *Instrumental Harm* da OUS abrange uma gama mais ampla de ponderações relacionadas a danos instrumentais do que as capturadas por dilemas sacrificiais, e também evita o caráter forçado e muitas vezes fantasioso de muitos desses dilemas (Bauman et al., 2014).

Considerando que foram encontradas evidências robustas de que as subescalas OUS-IB e OUS-IH medem fatores psicológicos independentes, diferenciados ou mesmo inversamente associados a uma série de características e medidas, pode-se questionar se essas duas dimensões pertencem a uma única escala. No entanto, os criadores da escala entendem que a desunião psicológica dos aspectos de tomada de decisão utilitária na população leiga não prejudica a unidade teórica do construto global (Kahane et al., 2017). Os itens dessa escala foram derivados de uma extensa revisão da literatura ética e examinados por uma seleção de filósofos morais, e as pontuações em ambas as subescalas foram associadas ao endosso de uma declaração explícita de utilitarismo. As duas subescalas também mostraram forte correlação em uma amostra de filósofos morais especialistas no tema, confirmando ainda mais sua unidade teórica. Finalmente, os indivíduos comuns com uma pontuação alta em ambas as subescalas seriam apropriadamente classificados como altamente utilitários - e seriam classificados como consideravelmente mais utilitários do que aqueles que simplesmente têm uma atitude permissiva em relação ao dano instrumental.

Isso posto, o pensamento moral de uma pessoa deve contar como mais utilitário (a) quanto maior for o seu foco na maximização imparcial de bem-estar em diferentes contextos morais (dimensão positiva) e (b) quanto menor for o espaço e o peso que atribui a outros valores, além do bem-estar coletivo, e a regras morais que limitam a promoção do bem-estar coletivo (dimensão negativa). Sendo assim, alguém que pensasse moralmente em termos estritamente imparciais, não privilegiando ninguém em detrimento de outro, ao mesmo tempo em que rejeitasse qualquer limitação sobre a maximização do bem-estar geral, contaria como um utilitarista integral (*fully utilitarian*) no construto proposto.

Finalmente, embora tenha sido explicado acima o que seria considerado uma tendência utilitária mais forte para o construto em questão, vale ressaltar que o que temos em mente é uma medida de tendências amplas na deliberação moral e no julgamento da população leiga. Dessa forma, não é provável que não-filósofos apliquem algo que se assemelhe a uma teoria ética explícita (seja utilitária ou não), nem é provável que seus julgamentos morais sejam totalmente consistentes em diferentes contextos morais.

O presente estudo teve por objetivos apresentar os resultados do processo de tradução e adaptação cultural da *Oxford Utilitarianism Scale* para o português do Brasil e a realidade brasileira. Após a tradução, foi realizada uma coleta de dados da versão piloto da escala e foram levantadas evidências de validade de construto das subescalas através da comparação com instrumentos que medem regulação emocional, empatia e utilitarismo (através de dilemas de sacrifício). Os dois objetivos demandaram fases metodológicas distintas para sua concretização. Por isso, a primeira, de inicialização do processo de tradução da OUS, será relatada como Fase 1; já a segunda, de levantamento de evidências de validade de construto das subescalas da OUS, será relatada como Fase 2.

Método

Fase 1 - Adaptação Transcultural da OUS

A fase de adaptação transcultural da OUS do inglês para a língua portuguesa e cultura brasileira é composta por 12 etapas. A Fase 1 do presente estudo, contudo, vai até a etapa sete deste processo de adaptação. As sete etapas são listadas a seguir e foram definidas a partir de uma combinação de diretrizes propostas por Borsa et al. (2012); *International Test Commission* (2010); Gjersing, Caplehorn e Clausen (2010); Hambleton (2005); e Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2000):

1. Tradução para o português da OUS por dois tradutores independentes com experiência em pesquisa e nível fluente em inglês.
2. Análise e sínteses das duas versões de acordo com as concepções da literatura sobre o construto.
3. Avaliação por três juízes com conhecimento na área da equivalência dos itens no idioma-alvo em comparação com o idioma original.
4. Realização das alterações necessárias com base na arguição dos juízes.
5. Avaliações de evidência de validade baseadas no conteúdo da escala por três estudiosos da moralidade que possuam alguma experiência com avaliação psicológica.
6. Ajustes necessários baseados nas colocações dos experts da fase anterior.
7. Avaliação da escala por 30 pessoas consideradas como população-alvo da escala, com o objetivo de avaliar a clareza e adequação dos termos utilizados (Borsa et al., 2012).

A autorização para tradução e adaptação da OUS foi obtida junto aos autores da escala original. Em seguida, o projeto passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Anexo H). Iniciou-se então a adaptação transcultural da OUS do inglês para a língua portuguesa e cultura brasileira. Conforme descrito no Método, o presente estudo abrange da primeira à sétima etapas desta adaptação.

Resultados

Etapa 1. Foram realizadas duas traduções da OUS para o português por dois tradutores independentes com experiência em pesquisa e nível fluente em inglês. Cada um deles recebeu a escala em inglês e traduziu como achou apropriado cada um dos itens e os títulos das subescalas.

Etapa 2. As traduções realizadas na Etapa 1 foram analisadas pelos pesquisadores. A partir desta análise, realizou-se uma síntese das duas versões, de acordo com as concepções da literatura sobre o construto.

Etapa 3. A síntese proveniente da Etapa 2 foi enviada, juntamente com a escala original, em inglês, a três juízes escolhidos pelos pesquisadores. A escolha dos juízes obedeceu aos seguintes critérios: a) proficiência na língua inglesa; b) alto nível de conhecimento na área de pesquisa em psicologia; c) contato prévio com o tema de julgamento e tomada de decisão moral; e d) estudo prévio de psicometria. A avaliação dos três juízes consistiu em verificar a equivalência dos itens no idioma-alvo em comparação com o idioma original. Foram analisadas a equivalência semântica, idiomática, experiencial e conceitual do instrumento. Cada juiz avaliou se os itens: estavam gramaticalmente corretos; possuíam significado equivalente à versão original; estavam adequados para a cultura brasileira; possuíam expressões que avaliam os mesmos aspectos que as utilizadas no instrumento original; e não possuíam coloquialismo (Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012; Beaton, Bombardier, Guillemin, & Ferraz, 2000).

Etapa 4. A partir das avaliações de cada juiz, os pesquisadores analisaram cada sugestão dada e realizaram as alterações que se mostraram necessárias.

Etapa 5. Após essas modificações, uma nova versão foi então enviada para três estudiosos da moralidade que possuem experiência com avaliação psicológica. A escala foi enviada sem os nomes das subescalas e com todos os itens aleatoriamente distribuídos. Esses estudiosos fizeram avaliações de evidência de validade baseadas no conteúdo da escala. A eles foi enviada uma parte do artigo Kahane et al. (2017) que explica cada uma das dimensões. Eles tiveram, então, a tarefa de apontar a qual das duas dimensões cada item diz respeito (Cassep-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010). Foi pedido para que não lessem o artigo na íntegra, para que não tivessem acesso à escala. Eles também analisaram aspectos referentes ao layout e apresentação, clareza de linguagem e adequação de expressões; e avaliaram aspectos de validade aparente - percepção do teste, de seus itens e a relevância do construto (Pacico & Hutz, 2015).

Etapa 6. As avaliações dos juízes foram compiladas e analisadas. Tendo por base os comentários dos *experts* da fase anterior, ajustes foram realizados. Quase todos os itens sofreram alguma alteração. No item dois da IH, por exemplo, o verbo “assegurar” foi substituído por “garantir”. As alterações foram, em geral, pontuais. Apenas um dos itens sofreu uma grande alteração, pois não demonstrou clareza suficiente, pois somente um dos três juízes classificou corretamente a que subescala o primeiro item da IB pertencia. A redação do item quatro antes dessa etapa era: “Se a única maneira de salvar a vida de outra pessoa durante uma

emergência é sacrificar a própria perna, então se é moralmente exigido a fazer este sacrifício.” É possível verificar que essa redação não deixa claro de quem é a perna a ser sacrificada. Essa perna pode ser tanto da pessoa que está lendo a frase ou da pessoa cuja vida se quer salvar. Este item foi então reformulado. Sua nova redação levou em consideração o construto de Beneficência Imparcial para definir de quem seria a perna, já que a redação em inglês também não é clara: *“If the only way to save another person’s life during an emergency is to sacrifice one’s own leg, then one is morally required to make this sacrifice.”* A nova redação define que a perna pertence ao leitor da frase: “Se a única maneira de salvar a vida de outra pessoa durante uma emergência é você sacrificar a sua própria perna, então, do ponto de vista moral, o correto é fazer esse sacrifício.”

Etapa 7. Esta nova versão da escala foi então submetida a uma aplicação piloto. O objetivo desta fase é avaliar a clareza e adequação dos termos utilizados (Borsa et al., 2012). A ideia inicial era submeter a escala a 30 pessoas consideradas população-alvo da escala, que no caso poderia ser qualquer adulto que não estivesse sob efeito de álcool ou outras drogas. Ao divulgar o *link* para a participação no estudo, 43 pessoas responderam até o momento em que os pesquisadores fecharam o *link*, de forma a não receber mais respostas. A essas pessoas foram realizadas as seguintes perguntas, baseadas nas diretrizes de Beaton et al. (2000): “Você ficou com alguma dúvida quanto a algum termo utilizado no instrumento ou ao significado de algum dos itens?”; “Como você se sentiu enquanto respondia a escala?”, “Responder a escala lhe provocou algum desconforto ou sentimento de vergonha?”, e “Você achou a atividade interessante?”. As respostas dos participantes às quatro perguntas foram compiladas em uma tabela e são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

Respostas dos participantes, baseadas nas diretrizes de Beaton et al. (2000).

1. Você ficou com alguma dúvida quanto a algum termo utilizado no instrumento ou ao significado de algum dos itens?	2. Como você se sentiu enquanto respondia a escala?	3. Responder a escala lhe provocou algum desconforto ou sentimento de vergonha?	4. Você achou a atividade interessante?
P01 Dificil diferenciar entre Discordo fortemente e discordo.	Preocupado.	Não.	Sim.
P02 nao	em duvida	duvida	sim
P03 Não	Me senti em um dilema, em alguns casos	Não	Achei intrigante
P04 Não	Pensativa	Não	Sim
P05 Não	Estranho	Sim	Sim
P06 Não	Desconfortável, quase como um sentimento de culpa por talvez estar fazendo a escolha errada.	Sim!	Sim
P07 não	avaliado	desconforto por não gostar de algumas das perguntas, preferindo que a situação não fosse imaginada.	sim
P08 Não	Indecisa	Sim	Sim
P09 Não	Pensativo; confuso	Um pouco	Sim
P10 Não	Normal	Um pouco de desconforto	Gostei da atividade faz boas reflexões a cerca da moralidade do individuo
P11 Não	Pensativa	Não	Sim
P12 Não	Desconfortável	Sim, fiquei desconfortável em responder algumas questões. Principalmente, as que envolvem mortes de pessoas inocentes.	Sim
P13 Não	Tranquila	Não	Sim
P14 Não	Reflexivx	Leve desconforto	Sim
P15 Não	Tranquila	Não	Sim
P16 Não	Confuso	Sentimento de desconforto	Sim
P17 Não	Me senti tranquilo	Não	Nem sim nem não
P18 Não	Reflexiva	Desconforto	Sim
P19 Não	Normal	Não	Não muito
P20 Não	Pensativa	Sim, ambos.	Com certeza
P21 Não	Angustiada	Um leve desconforto	Sim
P22 Não	Normal	Não	Sim
P23 Não	Seguro	Não	Sim
P24 Não	Pressionada a não me contradizer	Não	Muito
P25 não	pressionada	sim	sim
P26 não	normal	não	nao
P27 Não	Angustiada	Sim	Sim
P28 Não	Tranquilo não	Preocupado	Muito
P29 Não	Um pouco ansiosa por pensar na responsabilidade de ter que decidir escolhas difíceis para as respostas como possibilidades reais.	Apenas ansiedade relacionada aos conteúdos e na última pergunta percebi que estava mais evitativa a pensar o conteúdo em variabilidade de contextos e pouco mais tendendo a discordar, mas ao me dar conta quando não consegui assinalar a opção refiz minha resposta na última questão.	Muito interessante e pertinente aos problemas sociais, políticos e ambientais atuais e nosso senso de coletividade e individualidade.
P30 Não	Confusa, pois depende muito da situação a ser analisada. Achei generalista.	Não.	Sim.
P31 Não	Tendo que fazer escolhas difíceis	Desconforto por ter q optar por um bem maior q é a vida	Não
P32 Não	Desconfortável	Desconforto em pensar o quão difíceis são as decisões propostas e seus impactos.	Sim
P33 Não	Tranquila	Não	Sim
P34 Não, contudo tive que me esforçar para considerar as suposições como corretas, como por exemplo "se a única forma de garantir o bem estar da população fosse um regime autoritário por tempo curto e limitado".	Incerto sobre minhas respostas. Dividido em alguns casos. Aliviado por não ter que tomar decisões como essas em minha vida.	Nada além das sensações descritas na resposta da questão anterior.	Sim. Me fez refletir sobre algumas das minhas orientações morais.
P35 Não, está bem explicativo o questionário desenvolvido	Normal	Não, serviu para paramos e pensarmos nos outros também	Muito
P36 Não.	Senti um pouco de medo de que certas situações extremas podem justificar ações controversias.	Um pouco de desconforto sim, pois envolve salvar "pessoas inocentes" ou não, mesmo hipoteticamente, é uma decisão que hera ansiedade em se imaginar em tal situação.	Sim.
P37 Não.	Um pouco confusa. Muitas situações são relativas. Penso que tudo depende da situação.	Um pouco de desconforto em questões que me faziam pensar no contexto. Mas vergonha não .	Muito!
P38 O significado exato dos sentimentos não é tão claro, dificultando um pouco marcar a escala.	Analisado.	Não, mas confrontou minha moralidade, esclarecendo-a.	Sim. Deveria ser um exercício mais frequente para a moralidade crítica.
P39 Sim	Confusa	Sim. Não é um assunto que paramos pra pensar com frequência. Até me sinto culpada por ter respondido algumas coisas e lembrar de algumas histórias que aconteceram no passado	Sim
P40 Sim	Curiosa	Não	Curiosa
P41 Sim, como não deram uma definição de moralidade e há milhares possíveis, acho que os resultados de vocês são pouco sólidos.	Senti desconforto e raiva	Sim, vergonha não.	Sim.
P42 Sim, nas questões que trazem o termo inocente, relacionando as pessoas com crimes e atentados terroristas é incongruente esse uso, como alguém inocente está envolvido com crimes?	Bem, me agrada pensar nesses assuntos relacionados a dilemas morais.	Não	Sim
P43 Sim.	Bem.	Não.	Sim.

Em relação à primeira pergunta (“Você ficou com alguma dúvida quanto a algum termo utilizado no instrumento ou ao significado de algum dos itens?”), 36 pessoas responderam que não. Três pessoas responderam que sim, mas não especificaram. As demais tiveram as seguintes dúvidas:

P01: “Difícil diferenciar entre Discordo fortemente e discordo.”

P38: “O significado exato dos sentimentos não é tão claro, dificultando um pouco marcar a escala.”

P41: “Sim, como não deram uma definição de moralidade e há milhares possíveis, acho que os resultados de vocês são pouco sólidos.”

P42: “Sim, nas questões que trazem o termo inocente, relacionando as pessoas com crimes e atentados terroristas é incongruente esse uso, como alguém inocente está envolvido.”

A dúvida do participante P38 parece estar relacionada às escalas de emoções morais a serem respondidas antes da OUS. A questão trazida pela pessoa participante nº 41 denota uma necessidade de esclarecimento a respeito do que é considerado moralidade na perspectiva dos proponentes da atividade; trata-se de uma crítica válida, na medida em que, se é esperado do participante que responda de acordo com a sua própria noção de moralidade, isso poderia estar expresso em algum enunciado do instrumento. Quanto à observação trazida pela participante nº 42, ela se refere ao item nº 3 da subescala OUS-IH (*É admissível torturar uma pessoa inocente, se isso for necessário para obter informações que impeçam a explosão de uma bomba que mataria centenas de pessoas.*), e denota uma inferência realizada pela participante, de que a pessoa inocente mencionada seria terrorista; isso, no nosso entendimento, não invalida o item.

Ainda, dentre os participantes que responderam “Não”, a pessoa participante nº 34 fez o seguinte comentário: “Não, contudo tive que me esforçar para considerar as suposições como corretas, como por exemplo ‘se a única forma de garantir o bem-estar da população fosse um regime autoritário por tempo curto e limitado’.”

Em relação à segunda pergunta (“Como você se sentiu enquanto respondia a escala?”), a variedade das respostas foi um tanto maior. Segue os resultados que demonstraram um sentimento ou uma sensação clara¹: Analisad@ (1), Angustiad@ (2), Avaliad@ (1), Bem (2), Confus@ (6), Desconfortável (3), Em dúvida (1), Estranh@ (1), Indecis@ (1), Normal (5), Pensativ@ (5), Preocupad@ (1), Pressionad@ (2), Reflexiv@ (2), Segur@ (1), Tranquil@ (3). Além dessas respostas, houve outras, mais difíceis de categorizar, as quais são listadas abaixo:

P03: “Me senti em um dilema, em alguns casos”

P28: “Tranquilo não”

P29: “Um pouco ansiosa por pensar na responsabilidade de ter que decidir escolhas difíceis para as respostas como possibilidades reais.”

¹ As expressões emocionais são descritas com o final @ a fim de desconsiderar o sexo das pessoas participantes; ao lado de cada adjetivo, segue, entre parênteses, a quantidade de participantes que referiu tal sensação ou sentimento.

P31: “Tendo que fazer escolhas difíceis”

P34: “Incerto sobre minhas respostas. Dividido em alguns casos. Aliviado por não ter que tomar decisões como essas em minha vida.”

P36: “Senti um pouco de medo de que certas situações extremas podem justificar ações controversas.”

P41: “Senti desconforto e raiva”

Em relação à terceira pergunta (“Responder a escala lhe provocou algum desconforto ou sentimento de vergonha?”), 19 pessoas responderam “Não”, sendo que a maioria respondeu simplesmente “Não” (17), e duas complementaram a resposta (P35: “Não, serviu para pararmos e pensarmos nos outros também”, e P38: “Não, mas confrontou minha moralidade, esclarecendo-a.”). A maioria das demais respostas expressam qualitativamente o desconforto; no entanto, 5 participantes responderam simplesmente “Sim”, sem especificar nada mais. Das pessoas que foram além de “Sim” ou “Não”, apenas a participante nº 20 apontou explicitamente que sentiu vergonha (ela respondeu “Sim, ambos.”). Nas demais respostas em que se poderia assumir a ocorrência do sentimento de vergonha (respostas nas quais foi registrado “Sim” e “Um pouco”), esse sentimento não foi descrito; inclusive, a participante nº 41 refere explicitamente “Sim, vergonha não”. Já com relação à sensação de desconforto, a situação foi outra: ela foi mencionada explicitamente em 11 respostas. Apenas cinco respostas trouxeram sentimentos ou sensações diferentes das acima expressas: ansiedade (P29 e P36), culpa (P39), dúvida (P02) e preocupação (P28).

Quanto à quarta pergunta (“Você achou a atividade interessante?”), 39 respostas trouxeram uma avaliação positiva da atividade. A maior parte dessas respostas foi “Sim” (30), seguido de “Muito” (5); as quatro restantes foram “Achei intrigante”, “Com certeza”, “Curiosa” e “Gostei”. Quanto às demais respostas (4), elas foram compostas por “Não” (2), “Não muito” (1) e “Nem sim nem não” (1).

Fase 2 - Aplicação da escala traduzida ao público-alvo

A coleta de dados realizada para a sétima etapa do processo de tradução e adaptação também permitiu a investigação preliminar da existência de evidências de validade para a versão brasileira Escala Oxford de Utilitarismo. Além da OUS traduzida, também foram aplicados outros instrumentos, descritos a seguir.

Delineamento. Trata-se de um delineamento transversal correlacional com coleta de dados online.

Participantes. Participaram do estudo 43 pessoas de ambos os sexos, com idade de 18 a 59 anos. Os participantes foram convidados a tomar parte em um estudo sobre decisões que seres humanos tomam em situações sociais. A divulgação do projeto se deu por meio de redes sociais. A coleta de dados ocorreu online, de forma individual, e foi requisitado ao participante que se encontrasse em local com condições apropriadas à realização do estudo. A participação se deu mediante consentimento livre e esclarecido. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e de saúde geral, incluindo questões sobre idade, sexo, tempo de escolaridade e uso de álcool e outras drogas no dia da participação. Participantes que relatassem estar sob efeito de álcool e/ou drogas seriam excluídos da amostra.

Instrumentos. *Oxford Utilitarianism Scale*. Versão traduzida e adaptada para o português brasileiro. A escala original (Anexo A) é composta por duas subescalas: 1) *Impartial Beneficence* (OUS-IB), que consiste em cinco itens que endossam a maximização imparcial do bem maior, mesmo à custa do auto-sacrifício pessoal; e 2) *Instrumental Harm* (OUS-IH), que consiste em quatro itens, os quais abordam uma vontade de causar um dano para acarretar o bem maior (Kahane et al, 2017). Conforme recomendações dos autores (<http://www.jimaceverett.com/research/consequentialism/oxford-utilitarianism-scale/>), todos os itens foram apresentados em uma página única e todos os participantes responderam através de uma escala de 7 pontos, indo de “Discordo fortemente” a “Concordo fortemente”. Seguindo essa mesma recomendação, a média dos escores foi calculada individualmente para as duas subescalas.

Escala de emoções morais individuais. Antes da aplicação da OUS, os participantes responderam através de uma escala Likert de 0-6 o quanto estão sentindo emoções de raiva, nojo, culpa, vergonha, surpresa, alegria, tristeza, orgulho, medo e constrangimento. Após cada

uma das duas versões do dilema trolley foram incluídos os itens remorso por agir e remorso por não agir (Pletti, Lotto, Tasso, & Sarlo, 2016).

Os participantes foram instruídos a marcar 0 quando não estivessem experienciando a emoção e 6 quando estivessem experienciando-a em sua máxima intensidade. Esse procedimento foi utilizado por Pletti et al. (2016) para comparar emoções após a tomada de decisão associada às opções utilitaristas e não-utilitaristas. Pletti e colegas (2016) utilizaram, contudo, apenas seis itens: raiva, nojo, culpa, vergonha, remorso por agir e remorso por não agir. Acrescentaram-se surpresa, tristeza, medo (Cho & Ming, 2011), orgulho, constrangimento (Tangney, 1995) e alegria para que o estudo fosse capaz de investigar as emoções primárias.

Dilemas trolley nas versões switch e footbridge. Os participantes foram apresentados às versões *footbridge* e *switch* do dilema trolley (Anexo C). Após a leitura de cada dilema, os participantes tiveram que responder à pergunta “Como você agiria nesta situação?”. A apresentação desses dois dilemas permite a classificação dos participantes em quatro grupos: (1) utilitaristas, (2) majoritário, (3) não-utilitaristas, e (4) *outlier*, conforme a Figura 1.

		Switch	
		Resposta Utilitarista	Resposta Não-Utilitarista
Footbridge	Resposta Utilitarista	UTIL	OUTLIER
	Resposta Não-Utilitarista	MAJ	NÃO-UTIL

Figura 1. Critério de agrupamento baseado nas respostas aos dilemas *switch* e *footbridge*.

Esse critério de agrupamento baseado nas respostas aos dilemas *switch* e *footbridge* foi desenvolvido por Gleichgerrcht e Young (2013). São classificados no primeiro grupo os participantes que escolheram para os dois dilemas a resposta utilitarista; no segundo grupo, os que escolheram a resposta utilitarista para o dilema *switch* e a resposta não-utilitarista para o dilema *footbridge*; no terceiro grupo, os que escolheram as respostas não-utilitaristas nos dois dilemas; e no quarto grupo, os que escolheram a resposta não-utilitarista para o dilema *switch* e a resposta utilitarista para o dilema *footbridge*.

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI). A escala foi traduzida e adaptada por Koller et al. (2001) a partir do *Interpersonal Reactivity Inventory (IRI)* de Davis (1983). O IRI é composto por quatro subescalas, cada uma relativa a uma das quatro dimensões: (1) tomada de perspectiva (CG); (2) consideração empática (CE); (3) angústia pessoal (CC); e (4) fantasia. A subescala relativa à quarta dimensão não foi incluída na versão brasileira do IRI, devido a diferenças culturais impeditivas. Na EMRI (Anexo D), assim como na IRI, cada subescala é constituída de sete proposições, por exemplo, “Às vezes, eu não lamento muito por outras pessoas que estão tendo problemas”. Cada proposição exige uma escolha objetiva em uma escala do tipo Likert que varia de 1 (“Não me descreve bem”) a 5 (“Descreve-me muito bem”). O escore global da EMRI é calculado pela soma dos resultados das três subescalas. Quanto maior o escore, maior o nível de empatia (Koller et al., 2001).

Questionário de Regulação Emocional (QRE). O *Emotion Regulation Questionnaire* (Gross & John, 2003) teve sua versão em português brasileiro aplicada neste estudo (Batistoni, Ordonez, Silva, Nascimento, & Cachioni, 2013) (Anexo E). O instrumento é composto por dez itens que medem, através de autorrelato, duas estratégias de regulação de emoções: supressão e reavaliação. Dos dez itens, quatro medem a estratégia de supressão; e os outros seis, a estratégia de reavaliação das emoções (Batistoni et al., 2013). As respostas aos itens devem ser respondidas numa escala Likert de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente). Escores mais altos indicam o uso mais freqüente de uma determinada estratégia (Batistoni et al., 2013). O instrumento original de Gross e John (2013) apresenta coeficiente alfa de Cronbach’s de 0,79 para a subescala de reavaliação cognitiva e 0,73 para a subescala de supressão Emocional, confiabilidade teste-reteste de 0,69 para as duas subescalas e análise fatorial sustentando uma estrutura de dois fatores (Batistoni et al., 2013). A versão de Batistoni et al. (2013) apresenta coeficiente alfa de Cronbach’s de 0,76 para a subescala de reavaliação cognitiva e 0,70 para a subescala de supressão, confiabilidade teste-reteste de 0,70 do escore total.

Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral. Foi aplicado um Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral desenvolvido para o presente estudo (Anexo F) para caracterização da amostra e para a análise de critérios de exclusão, como estar sob a influência de substâncias como álcool ou outras drogas durante a coleta.

Procedimento. A coleta de dados foi integralmente conduzida de forma computadorizada e *online*. O experimento foi desenvolvido na plataforma Google Forms, sendo o *link* para acesso ao formulário publicado em <https://coletamoralidade.weebly.com/>. O site foi divulgado nas redes sociais. Ao acessar o formulário, o participante iniciava lendo o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo G). O termo contém informações sobre a pesquisa e os pesquisadores e ao participante foi disposta uma cópia do termo assinada para baixar e salvar. Ao fim da leitura do termo, o participante pôde declarar que é maior de 18 anos e que aceita participar da pesquisa. Em seguida, foram apresentados, respectivamente, os instrumentos:

- Escalas Likert sobre emoções morais;
- OUS traduzida para o português;
- Perguntas sobre como foi responder a OUS;
- Dilema trolley, versão *switch*;
- Escalas Likert sobre emoções morais;
- Dilema trolley, versão *footbridge*;
- Escalas Likert sobre emoções morais;
- Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral;
- EMRI;
- Questionário de Regulação Emocional.

Ao final, o participante foi direcionado à tela final de agradecimento pela participação na pesquisa.

Análise dos Dados. A validade de construto da OUS foi avaliada por meio de uma análise de componentes principais e uma análise fatorial confirmatória. Para fins de levantamento de evidências para validade convergente, foram realizadas análises das correlações entre a OUS, a EMRI e a QRE.

Considerações éticas. Este estudo respeitou os princípios da ética em pesquisa com seres humanos, seguindo as diretrizes propostas pelas legislações brasileiras, tendo como base a Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução nº. 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 03418818.4.0000.5334) (Anexo H). Somente participaram deste estudo aqueles que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo G).

Resultados

Caracterização da amostra e estatísticas descritivas. A amostra foi composta por 13 homens (30,2%) e 30 mulheres (69,8%). O menor nível de instrução dos participantes foi de ensino médio completo. O nível de instrução prevalente foi o ensino superior incompleto (39,5%). A situação ocupacional prevalente foi a de estudante (34,9%).

Tabela 2

Características sociodemográficas

	n	%	% válido	% cumulativo
Gênero				
Masculino	13	30,2	30,2	30,2
Feminino	30	69,8	69,8	100
Total	43	100	100	
Nível de instrução				
Ensino médio completo	2	4,7	4,7	4,7
Ensino superior incompleto	17	39,5	39,5	44,2
Ensino superior completo	10	23,3	23,3	67,4
Pós-graduação incompleta	4	9,3	9,3	76,7
Pós-graduação completa	10	23,3	23,3	100
Total	43	100	100	

Situação ocupacional				
Aposentado	1	2,3	2,3	2,3
Autônomo	4	9,3	9,3	11,6
Empregado com carteira assinada	8	18,6	18,6	30,2
Empresário	4	9,3	9,3	39,5
Estudante	15	34,9	34,9	74,4
Funcionário Público	9	20,9	20,9	95,3
Profissional Liberal	2	4,7	4,7	100
Total	43	100	100	

Análise fatorial exploratória da OUS. Uma Análise de Componentes Principais foi realizada com o intuito de verificar se a escala traduzida possui uma estrutura semelhante à escala original, que possui idealmente dois fatores: *dano instrumental* e *beneficência imparcial* (Tabela 3). Uma análise de componentes principais foi conduzida nos 9 itens do instrumento com rotação ortogonal (varimax) na amostra de 43 participantes. A análise mostrou que os dois componentes obedeceram ao critério de Kaiser do autovalor (“*eigenvalue*”) maior que 1 e explicaram 48,2% da variância. O fator KMO de adequação da amostragem foi de 0,622 para a escala com 9 itens.

Tabela 3

Tabela da análise dos componentes principais dos itens da OUS

Component Loadings

	Component		Uniqueness
	1	2	
US_IB1	.657		0.520
US_IB2	.790		0.367
US_IB3	.714		0.417
US_IB4	.441		0.805
US_IB5	.557		0.665
US_IH6	.430	.585	0.473
US_IH7		.687	0.523
US_IH8		.708	0.480
US_IH9		.734	0.411

Nota. foi usada rotação 'varimax'.

Análise fatorial confirmatória da OUS. Uma Análise Fatorial Confirmatória foi realizada para verificar se os escores se encaixam na estrutura de dois fatores da escala teoricamente estabelecida para o contexto brasileiro. A estrutura de dois fatores se baseia no modelo bidimensional do utilitarismo, que seria composto pelo Dano Instrumental e pela Beneficência Imparcial. Portanto, um modelo bidimensional foi testado tendo como Fator 1 os itens 1, 2, 3, 4 e 5, relativos à subescala que abrange o conceito de Beneficência Imparcial (IB); e como Fator 2 os itens 6, 7, 8 e 9, relativos à subescala que abrange o conceito de Dano Instrumental (IH). A análise foi testada no software Jamovi 1.0, utilizando o método de máxima verossimilhança (Tabela 4).

Tabela 4

Cargas fatoriais da Análise Fatorial Confirmatória da OUS

Carregamentos fatoriais					
Fator	Indicador	Estimativa	SE	Z	P
Fator 1	OUS_IB1	0.922	0.229	4.03	<.001
	OUS_IB2	1.668	0.319	5.23	<.001
	OUS_IB3	0.742	0.320	2.32	0.020
	OUS_IB4	0.462	0.266	1.74	0.083
	OUS_IB5	0.539	0.226	2.39	0.017
Fator 2	OUS_IH6	0.880	0.292	3.02	0.003
	OUS_IH7	0.940	0.330	2.85	0.004
	OUS_IH8	1.042	0.314	3.31	<.001
	OUS_IH9	0.712	0.273	2.61	0.009

O primeiro índice analisado foi o qui-quadrado (χ^2), que indica a magnitude da discrepância entre a matriz de covariância observada e modelada. No presente modelo o qui-quadrado demonstra um bom ajuste (Tabela 5), com $p > 0.05$ [$\chi^2 = 30.9$; $df = 26$; $p = 0,231$]. No entanto, considerando que o qui-quadrado é afetado pelo tamanho da amostra, outros índices também foram verificados.

Tabela 5

Qui-quadrado da Análise Fatorial Confirmatória

Teste para ajuste exato		
χ^2	Df	P
30.9	26	0.231

O segundo índice analisado foi o Índice de Ajuste Comparativo (CFI). Esse índice calcula o ajuste relativo do modelo ao compará-lo com o modelo denominado nulo em que há correlação 0 entre as variáveis. O modelo quase apresentou um bom ajuste ($CFI = 0.897$). No caso da CFI, para se considerar o ajuste bom é necessário que ele seja maior que 0,90 (Tabela 6).

O terceiro índice analisado foi o Índice de Tucker-Lewis (TLI). Esse é um índice de ajuste comparativo interpretado como uma porcentagem de incremento no ajuste sobre o modelo nulo. Ou seja, já que o TLI foi de 0,857, o modelo proposto se ajusta 85% melhor que o modelo nulo. Um valor de referência para o TLI é maior que 0,90, de forma que o modelo quase apresentou um bom ajuste para esse índice.

O quarto índice analisado foi o de Aproximação do Erro Quadrático Médio da Raiz (RMSEA). Ele se refere à raiz da média dos quadrados dos erros de aproximação. É considerado um bom ajuste o modelo que apresenta o RMSEA menor que 0,08. Este índice apresenta, portanto, um bom ajuste ($RMSEA = 0,066$).

Tabela 6

Medidas de ajuste da Análise Fatorial Confirmatória

Medidas de ajuste				
CFI	TLI	RMSEA	RMSEA 90% CI	
			Lower	Upper
0.897	0.857	0.0664	0.00	0.144

Comparações de escores da OUS por gênero. Um teste t de medidas independentes foi realizado comparando homens e mulheres quanto aos escores nas subescalas da OUS-12. Na subescala IB, em média, os escores das mulheres foram mais altos ($M = 4,000$, $EP = 0,180$) do que os dos homens ($M = 3,892$, $EP = 0,364$). Entretanto, essa diferença não foi significativa $t(41) = -0,296$, $p = 0,109$. Já na subescala IH, os homens tiveram médias maiores ($M = 2,750$, $EP = 0,295$) do que as mulheres ($M = 2,255$, $EP = 0,213$). Assim como na subescala anterior, essa diferença não foi significativa $t(41) = 0,505$, $p = 0,706$.

Correlações entre OUS, EMRI e QRE. Evidências de validade convergente foram examinadas através de correlações com as variáveis relacionadas (Tabela 7). De acordo com o resultado da análise, há uma correlação significativa entre o escore da subescala Beneficência Imparcial da OUS (OUS-IB) e o escore geral da QRE ($r = -0.330$, $p = 0.030$). Os resultados também sugerem uma tendência à significância entre o escore da subescala IB da OUS e o escore da subescala de supressão emocional da QRE ($r = -0.264$, $p = 0.088$).

Tabela 7

Tabela da matriz de correlações entre escores da OUS e dos construtos relacionados

Matriz de Correlação		Escore_	Escore_	Escore_	Utilitarismo	EMRI_	EMRI	EMRI	EMRI_	QRE_	QRE_	QRE_
		IBmean	IHmean	OUSmean	Trolley	Global	CG	CE	CC	Escore Geral	Reaval	Supres
Escore_IBmean	Pearson's r	—										
	p-value	—										
Escore_IHmean	Pearson's r	0.177	—									
	p-value	0.256	—									
Escore_OUSmean	Pearson's r	0.813 ***	0.717 ***	—								
	p-value	<.001	<.001	—								
UtilitarismoTrolley	Pearson's r	0.098	0.018	0.081	—							
	p-value	0.530	0.907	0.607	—							
EMRI_Global	Pearson's r	0.128	0.088	0.143	0.214	—						
	p-value	0.412	0.577	0.361	0.168	—						
EMRI_CG	Pearson's r	0.138	0.142	0.182	0.143	0.659 ***	—					
	p-value	0.377	0.362	0.243	0.360	<.001	—					
EMRI_CE	Pearson's r	0.214	0.054	0.184	-0.082	0.729 ***	0.280	—				
	p-value	0.167	0.731	0.238	0.600	<.001	0.069	—				
EMRI_CC	Pearson's r	-0.081	-0.015	-0.066	0.363 *	0.652 ***	0.078	0.225	—			
	p-value	0.603	0.925	0.672	0.017	<.001	0.620	0.148	—			
QRE_EscoreGeral	Pearson's r	-0.330 *	0.013	-0.226	0.012	-0.199	0.057	-0.432 **	-0.039	—		
	p-value	0.030	0.934	0.145	0.940	0.200	0.719	0.004	0.803	—		
QRE_Reavaliação	Pearson's r	-0.219	0.016	-0.146	0.016	0.051	0.158	-0.026	-0.028	0.754 ***	—	
	p-value	0.158	0.921	0.351	0.918	0.748	0.312	0.871	0.861	<.001	—	
QRE_Supressão	Pearson's r	-0.264 *	-0.013	-0.194	0.069	-0.318 *	-0.068	-0.626 ***	0.028	0.639 ***	0.007	—
	p-value	0.088	0.936	0.212	0.660	0.038	0.666	<.001	0.858	<.001	0.963	—

Note. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Relação com Utilitarismo nos Dilemas. Para se averiguar os escores dos instrumentos OUS, EMRI e QRE, foi realizada uma ANOVA com estas variáveis como dependentes e o grupo de classificação de utilitarismo (Utilitarismo *Trolley*) como fator. Houve resultado

significante para a subescala IH da OUS [$F = 4,469$; $p = 0,031$]. Não houve resultado significativo, contudo, para a subescala IB da OUS [$F = 0,169$; $p = 0,846$], nem para qualquer outro escore dos demais instrumentos (Tabela 8).

Tabela 8

Análise de Variância one-way entre os três grupos de utilitarismo e os escores dos instrumentos OUS, EMRI e QRE

One-Way ANOVA (Welch's)				
	F	df1	df2	P
Escore_IBmean	0.169	2	11.8	0.846
	44.69			
Escore_IHmean	1	2	14.6	0.031
	11.94			
Escore_OUSmean	2	2	12.5	0.335
	29.16			
EMRI_Global	3	2	12.4	0.092
EMRI_CG	0.492	2	12.2	0.623
EMRI_CE	0.612	2	12.6	0.558
	65.16			
EMRI_CC	5	2	12.4	0.012
QRE_EscoreGeral	0.097	2	18.8	0.908
QRE_Reavaliação	0.231	2	14.0	0.796
	16.60			
QRE_Supressão	1	2	18.1	0.218

A tabela a seguir apresenta as estatísticas descritivas das subescalas da OUS conforme os grupos de utilitarismo dos participantes (Tabela 9). Para o escore da subescala IH da OUS, o grupo dos Não Utilitaristas ($n = 6$) possui média de 1,83 (DP = 0,785) e o grupo dos

Majoritários (n = 27) possui média de 2,94 (DP = 1,175). O teste post hoc Games-Howell (Tabela 10) apresentou significância entre esses dois grupos (MD = -1,11; p = 0,041).

Tabela 9

Estatísticas descritivas das subescalas da OUS por grupo de utilitarismo

Descritivos de Grupo					
	UtilitarismoTrolley	N	Mean	SD	SE
Escore_IBmean	Não Utilitarista	6	3.73	1.401	0.571
	Majoritário	27	3.97	1.101	0.211
	Utilitarista	10	4.10	0.906	0.286
Escore_IHmean	Não Utilitarista	6	1.83	0.785	0.320
	Majoritário	27	2.94	1.175	0.226
	Utilitarista	10	2.20	0.848	0.268

Tabela 10

Teste post-hoc Games-Howell dos escores da IH entre os grupos de utilitarismo

Games-Howell Post-Hoc Test (Escore_IHmean)				
		Não Utilitarista	Majoritário	Utilitarista
Não Utilitarista	Mean difference	—	-1.11	-0.367
	p-value	—	0.041	0.665

Majoritário	Mean difference	—	0.744
	p-value	—	0.108
Utilitarista	Mean difference	—	—
	p-value	—	—

Note. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Discussão

Apresentados os resultados, passamos a discuti-los tendo por consideração os objetivos do presente estudo, quais sejam: traduzir e adaptar culturalmente a Escala Oxford de Utilitarismo para o português do Brasil e a realidade brasileira, por meio da aplicação da escala traduzida em conjunto com outros instrumentos. Após a tradução, foi realizada uma coleta de dados da versão piloto da escala e foram levantadas evidências de validade de construto das subescalas através da comparação com instrumentos que medem regulação emocional, empatia e utilitarismo (através de dilemas de sacrifício).

Em relação à Fase 1 (tradução), os resultados apontam que a escala, no geral, não despertou dúvidas: 36 das 43 pessoas não tiveram nenhuma dúvida, três não especificaram, e outras quatro trouxeram apontamentos que relacionados a diferentes partes da coleta. As poucas dúvidas levantadas não comprometem a tradução já realizada da escala. Assim, entende-se que a tradução está pronta para ser aplicada a uma amostra maior, que seja capaz de produzir dados suficientes para encontrar dados mais concretos de validação do instrumento para o português do Brasil.

Apesar de se tratar apenas de um estudo piloto, na Fase 2 do presente estudo já foram realizadas análises estatísticas que pudessem indicar indícios de validade interna e externa da tradução em sua sétima etapa. É preciso sempre levar em consideração uma das mais fortes limitações do presente estudo quanto a essas análises: o pequeno tamanho da amostra. Por se tratar de um estudo piloto, não se justificaria - até mesmo por questões éticas de utilização do mínimo de participantes para se atingir o resultado da pesquisa - a utilização de uma amostra maior.

A análise de componentes principais da tradução da OUS foi realizada para verificar se a escala possui a estrutura composta pelos fatores que Kahane et al. (2017) denominaram dano instrumental e beneficência imparcial. As cargas fatoriais resultantes de cada um dos itens da análise de componentes principais indica justamente a distribuição dos itens feita pelos autores da escala original: os mesmos itens compuseram os mesmos fatores nas duas versões. Essa análise complementa o resultado da Fase 1 do presente estudo, indicando que a tradução se encontra pronta para ser aplicada a uma amostra maior, não precisando sofrer ajustes.

Na análise fatorial confirmatória, foi realizado o teste qui-quadrado e este demonstrou um bom ajuste. No entanto, considerando que o qui-quadrado é afetado pelo tamanho da amostra, outros índices também foram verificados, tendo-se observado um ajuste quase bom no CFI e no TLI e um ajuste bom no RMSEA. Como a amostra é muito pequena para uma

análise confirmatória de um instrumento contendo nove itens, espera-se que o efeito aumente com o aumento da amostra no decorrer das próximas coletas, que terão amostras grandes o suficiente para se aplicar com mais propriedade essa análise estatística.

Apesar de os criadores da escala original não terem investigado a ocorrência de diferenças entre gêneros, foi realizado um teste t de medidas independentes a fim de comparar e verificar se houve resultados significativamente diferentes nas respostas das duas subescalas. Na amostra estudada, não foram encontradas diferenças significativas. Isso sugere que não é necessário, numa próxima coleta, preocupar-se com a distribuição igualitária dos participantes.

Ainda quanto aos dados socioeconômicos, convém ressaltar que o nível de instrução da amostra foi relativamente alto, com 55,9% da amostra tendo ensino superior completo a pós-graduação completa. A escala foi desenhada para a população leiga. Apesar do alto nível de instrução da amostra, não se pode afirmar que estes não são leigos no que diz respeito ao conceito filosófico de utilitarismo. Sugere-se para futuras pesquisas o controle do entendimento de utilitarismo dos participantes.

A presente pesquisa, por se tratar de um estudo piloto, não buscou uma amostra representativa da população brasileira. Futuras pesquisas devem perguntar a origem dos participantes para a devida validação da escala para a realidade brasileira.

No que tange às correlações entre OUS, EMRI e QRE, foi detectada uma correlação positiva significativa entre os escores da subescala Beneficência Imparcial (OUS-IB) e o escore geral da QRE. Os resultados também sugerem uma tendência à significância entre o escore da subescala OUS-IB e o escore da subescala de supressão emocional da QRE ($r = -0.264$, $p = 0.088$). Isso indica que as pessoas com pontuação alta na subescala OUS-IB (isto é, aquelas que, de acordo com as suas respostas na subescala, estariam mais dispostas a agir em prol de pessoas desconhecidas e distantes, em detrimento de si e das pessoas que lhe são próximas) também pontuaram alto na escala de regulação emocional. Essas pessoas apresentaram uma leve tendência à utilização de estratégias de supressão das emoções (em detrimento das de reavaliação cognitiva das emoções)².

As evidências levantadas no contexto do modelo de duplo processo indicam consistentemente que o processamento emocional e seus correlatos neurais desempenham um papel importante nas decisões e julgamentos morais (Pletti et al., 2016). Entretanto, os efeitos

² O modelo desenvolvido por Gross e John (2003) apresenta dois fatores que se aplicam a emoções negativas e positivas e que indicam controle das emoções, um no qual pensamentos são modificados diante da situação vivenciada (estratégias de reavaliação cognitiva das emoções) e outro no qual o controle emocional se expressa pela não expressão de algumas emoções (supressão das emoções).

de processamento emocional devem ser considerados em sua interação com outras funções, sobretudo aquelas de controle e regulação. Por exemplo, uma menor reatividade emocional diante de escolhas morais vem sendo correlacionada a uma preferência maior por respostas utilitaristas (Koenigs et al., 2007; Moretto et al., 2010). De acordo com a perspectiva do processo dual de Greene, para se chegar a decisões utilitaristas, os processos executivos precisam ser capazes de suplantar emoções negativas prepotentes e decisões deontológicas motivadas pela emoção (Szekely & Miu, 2015). Esta previsão destaca o papel crucial que a regulação emocional pode desempenhar na tomada de decisão moral (McClure, Botvinick, Yeung, Greene, & Cohen, 2007). Nesse sentido, os resultados obtidos por meio da análise de correlação entre OUS e QRE parecem ser coerentes com a perspectiva acima apresentada.

A investigação da empatia, ou preocupação empática (*empathic concern*), rendeu resultados interessantes na pesquisa conduzida pela equipe de Kahane, levando-os a escrever que

a relação negativa entre a tomada de decisão utilitarista e a preocupação empática sugerida por múltiplos estudos anteriores (Choe & Min, 2011; Conway & Gawronski, 2013; Gleichgerrcht & Young, 2013; Patil & Silani, 2014) é altamente intrigante dado o forte laço teórico entre utilitarismo clássico e empatia (Hare, 1981; Smart, 1961/1973) e evidências que ligam a preocupação empática ao extremo altruísmo a pessoas desconhecidas e distantes (Brethel-Haurwitz et al., 2016). Os resultados da pesquisa conduzida pela equipe de Kahane, contudo, indicam que essa associação é dirigida exclusivamente pela dimensão de dano instrumental do utilitarismo e que a preocupação empática é, ao mesmo tempo, positivamente associada à beneficência imparcial, núcleo positivo do utilitarismo. De fato, esses resultados mostram que essas duas dimensões do utilitarismo não são apenas independentes, mas são também inversamente correlacionadas com um traço psicológico que é altamente relevante para a moralidade, confirmando ainda mais nossa visão de que é um erro tratar a tomada de decisão utilitarista como um fenômeno psicológico unitário fora do contexto filosófico. (Kahane et al., 2017, p. 25 - tradução livre)

Ainda assim, no presente estudo, por meio da utilização do instrumento EMRI, não foi encontrada nenhuma correlação entre a preocupação empática e as subescalas de utilitarismo. A escala EMRI foi traduzida e adaptada a partir do *Interpersonal Reactivity Inventory* (IRI), o qual é composto por quatro subescalas relativas às dimensões tomada de perspectiva, consideração empática, angústia pessoal e fantasia, sendo que a subescala relativa à quarta dimensão não foi incluída na versão brasileira do IRI devido a diferenças culturais impeditivas. Talvez, esse instrumento não esteja sendo capaz de capturar essas diferenças. Assim, diante da discrepância entre os resultados encontrados no estudo que deu origem à OUS e ao que aqui apresentamos, levantamos a hipótese de que, talvez, o EMRI não esteja sendo capaz de captar

diferenças importantes - sobretudo se consideramos que uma dimensão do instrumento original foi descartada quando da sua tradução e adaptação ao contexto brasileiro. Isso nos leva a pensar que a utilização de outra escala de empatia seja uma estratégia interessante. Nesse sentido, a escala *Affective Cognitive Measure of Empathy* (ACME) apresenta-se como uma possibilidade para futuras coletas.

Um dos resultados mais interessantes do presente estudo está na comparação entre as respostas dadas aos dilemas *trolley* e os escores da subescala IH da OUS. Houve uma diferença significativa entre o escore da subescala IH da OUS entre os Não Utilitaristas e os Majoritários, mas não houve uma diferença significativa entre os Não Utilitaristas e os Utilitaristas. A média dos Majoritários foi a mais alta de todos os três grupos de resposta aos dilemas *trolley*. Precisamos levar em conta a grande diferença de participantes em cada um desses grupos, que pode ter prejudicado a análise. Contudo, o que os dados mostram é uma desvinculação do utilitarismo nos dilemas à dimensão negativa do utilitarismo (IH). Esse dado vai ao encontro da teoria bidimensional, que tenta justamente entender o utilitarismo como algo mais amplo que apenas a vinculação com a facilidade de se provocar um dano instrumental quando diante de um dilema. Ainda neste sentido, os Utilitaristas ($M = 4,10$) obtiveram a maior média na subescala IB, como se pode observar na Tabela 9. Apesar de essa diferença não ter se mostrado significativa, podemos observar um resultado que, se não é suficiente para corroborar a teoria bidimensional, já é um indicativo de que os dilemas *trolley* não são sozinhos um bom instrumento para determinar o quão utilitarista uma pessoa é. Essas conclusões precisam ser interpretadas com cautela, pois põem em risco parte considerável de interpretações de muitos dados colhidos na área da moralidade em estudos de Psicologia.

Por fim, pode-se dizer que o estudo cumpriu com seu objetivo de traduzir para o português do Brasil e iniciar o processo de validação da OUS para a realidade brasileira, possibilitando novos rumos para a pesquisa no país, na medida em que aumenta a gama de instrumentos voltados à moralidade e, principalmente, por trazer um instrumento desenhado a partir de uma inovadora teoria sobre o utilitarismo dentro do campo da Psicologia.

Considerações Finais

Considerando que estudos anteriores, amparados sobretudo na utilização de dilemas morais de sacrifício, têm associado o pensamento moral utilitarista quase que exclusivamente apenas à sua dimensão negativa, o dano instrumental, entendemos como relevante a criação de um instrumento capaz de aferir experimentalmente não apenas o quanto uma pessoa se mostra disposta a prejudicar outro ser em prol de um bem maior (dimensão do dano instrumental), mas também o quanto ela se dispõe a agir em prol de pessoas desconhecidas e distantes, em detrimento de si e das pessoas que lhe são próximas (dimensão da beneficência imparcial). Dessa forma, a contribuição que a OUS apresenta para o estudo da moralidade humana está em que é mais completa e precisa para avaliar a tomada de decisão moral, quando comparada com os dilemas de sacrifício. Afinal, com ela conseguimos medir de uma forma mais específica o quanto utilitarista uma pessoa é (ou não é), e também identificar suas características específicas de utilitarismo. Ou seja, é possível, por exemplo, verificar seus escores tanto relacionados à dimensão positiva (beneficência imparcial), quanto à negativa (dano instrumental).

Dito tudo isso, entendemos, junto com os desenvolvedores da OUS, que há um forte argumento para abandonar a difundida (mas segundo eles inútil) prática terminológica de classificar as respostas pró-sacrifício nos dilemas sacrificiais como “julgamentos utilitaristas”. Nessa terminologia, um psicopata que se preocupa apenas com seu interesse próprio e não tem escrúpulos em prejudicar os outros seria descrito como tendo um “viés utilitarista forte”, enquanto que, por exemplo, um altruísta extremo, autodeclarado vegetariano moral (*moral vegetarian*), que dá a maior parte do seu dinheiro para instituições de caridade, ajuda pessoas desconhecidas em outros países e que doou seu rim a um estranho, mas que rejeita a ideia de sacrificar violentamente uma pessoa inocente para salvar outras cinco, contaria como tendo um “forte viés deontológico”. Não obstante, a OUS revelaria que esses dois indivíduos são excepcionalmente altos em uma dimensão do utilitarismo, mas baixos no outro. Nenhum dos dois poderia ser descrito como totalmente utilitário, embora se possa argumentar que o altruísta extremo chega muito mais perto.

Nesse sentido, entendemos que a divisão do construto utilitarismo em duas dimensões relacionadas e independentes explica de modo diferente resultados em princípio intrigantes na literatura existente. Koenigs, Kruepke, Zeier e Newman (2012), por exemplo, encontram evidências de que psicopatas teriam uma tendência anormalmente maior de serem considerados utilitaristas em dilemas de sacrifício quando comparados à população normal. A partir da visão bidimensional do utilitarismo esses resultados passam a precisar de uma reavaliação. O novo

modelo bidimensional lança nova luz sobre as fontes psicológicas tanto do utilitarismo quanto da ampla oposição a ele, e abre novas direções para pesquisas futuras.

Diante de todas essas considerações, acreditamos que a tradução e validação da OUS para o contexto brasileiro tende a facilitar o desenvolvimento do incipiente campo da cognição moral, uma vez que fornece um instrumento psicometricamente preciso, confiável e estatisticamente robusto. Sua disponibilização tende a instrumentalizar a pesquisa no Brasil, ainda que sejam necessárias mais pesquisas sobre o tema em nosso contexto.

Referências

- Ambiel, R.M.A., Andrade, J.M., Carvalho, L.F., & Cassep-Borges, V. (2011). “E viveram felizes para sempre”: a longa (e necessária) relação entre psicologia e estatística. In R. M. A. Ambiel, I. S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. Alves & I. F. A. Leme de Sá (Orgs), *Avaliação Psicológica: guia de consulta para estudantes e profissionais de psicologia* (49-80). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bartels, D. M., & Pizarro, D. A. (2011). The mismeasure of morals: Antisocial personality traits predict utilitarian responses to moral dilemmas. *Cognition*, *121*, 154-161.
- Bartels, D. M., Bauman, C. W., Cushman, F. A., Pizarro, D. A., & McGraw, P. (2015). Moral Judgment and Decision Making. *The Wiley Blackwell Handbook of Judgment and Decision Making*. Chichester, UK: Wiley.
- Bataglia, P. U. R. (2010). A Validação do Teste de Juízo Moral (MJT) para Diferentes Culturas: O Caso Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *23*(1), 83-91.
- Batistoni, S. S. T., Ordonez, T. N., Silva, T. B. L., Nascimento, P. P. P., & Cachioni, M. (2013). Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): Indicadores Psicométricos e Relações com Medidas Afetivas em Amostra Idosa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *26*(1), 10-18.
- Bauman, C. W., McGraw, A. P., Bartels, D. M., & Warren, C. (2014). Revisiting External Validity: Concerns about Trolley Problems and Other Sacrificial Dilemmas in Moral Psychology. *Social and Personality Psychology Compass*, *8*(9), 536–554. doi 10.1111/spc3.12131.
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, *25*(24), 3186-3191.
- Borsa, J. C., Damasio, B. F., Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, *22*(53), 423-432. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>.
- Cassep-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em Pasquali, L., *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*, 506-519. Porto Alegre: Artmed.
- Cho, S. Y., Ming, K. H. (2011). Who makes utilitarian judgments? The influences of emotions on utilitarian judgments. *Judgment and Decision Making*, *6*(7), 580-592.
- Crockett, M. J., Clark, L., Hauser, M. D., & Robbins, T. W. (2010). Serotonin selectively influences moral judgment and behavior through effects on harm aversion. *Proc. Natl. Acad. Sci. U.S.A.*, *107*, 17433–17438.
- Cushman, F. (2011). Moral Emotions from the Frog’s Eye View. *Emotion Review*, *3*(3), 261-263.
- Cushman, F. (2013). Action, Outcome, and Value: A Dual-System Framework for Morality. *Personality and Social Psychology Review*, *17*(3), 273-292.

- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113–126.
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A.-G. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research Methods*, 41, 1149-1160.
- Foot, P. (1967). The problem of abortion and the doctrine of the double effect. *Oxford Review*, 5, 5-15.
- Foot, P. (1978). *Virtues and Vices: and other essays in moral philosophy*. Oxford: Basil Blackwell.
- Gleichgerrcht, E., & Young, L. (2013). Low Levels of Empathic Concern Predict Utilitarian Moral Judgment. *PLOS ONE*, 8(4), e60418
- Glenn, A. L., Koleva, S., Iyer, R., Graham, J., & Ditto, P. H. (2010). Moral identity in psychopathy. *Judgment and Decision Making*, 5, 497–505.
- Gjersing, L., Caplehorn, J. R. M., & Clausen, T. (2010). Cross-cultural adaptation of research instruments: language, setting, time and statistical considerations. *BMC Medical Research Methodology*, 10(1),10-13.
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of personality and social psychology*, 96(5), 1029-1046.
- Greene, J. D. (2015). The Cognitive Neuroscience of Moral Judgment and Decision Making. In J. Decety & T. Wheatley (Eds.). *The Moral Brain: A Multidisciplinary Perspective*. (pp. 197-220). Londres, Inglaterra: The MIT Press.
- Greene, J. D., Sommerville, R. B., Nystrom, L. E., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2001). An fMRI investigation of emotional engagement in moral judgment. *Science*, 293(5537), 2105-2108.
- Greene, J. D., Nystrom, L. E., Engell, A. D., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2004). The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron*, 44(2), 389-400.
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, 2, 271–299.
- Gross, J. J. (2014). Emotion Regulation: Conceptual and Empirical Foundations. In J. J. Gross (Ed.) *Handbook of Emotion Regulation* (2ed., 3-22). New York, NY: The Guilford Press.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362.
- Haidt, J., & Kesebir, S. (2010). Morality. In S. Fiske, D. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.) *Handbook of Social Psychology* (5 ed., 797-832). Hoboken, NJ: Wiley.

- Hambleton, R. K. (2005). Issues, designs and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. In Hambleton, R. K., Merenda, P. F., Spielberger, C. D. *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment* (3-38). London: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Hauser, M., Cushman, F., Young, L., Jin, R. K. X., & Mikhail, J. (2007). A Dissociation Between Moral Judgments and Justifications. *Mind & Language*, 22(1), 1–21.
- International Test Commission (2010). International Test Commission guidelines for translating and adapting tests. Disponível em: <http://www.intestcom.org>.
- Kagan, S. (1998). *Normative ethics*. Boulder, CO: Westview Press.
- Kahane, G., Everett, J. A. C., Earp, B. D., Caviola, L., Faber, N. S., Crockett, M. J., & Savulescu, J. (2017). Beyond Sacrificial Harm: A Two-Dimensional Model of Utilitarian Psychology. *Psychological Review*, 1-34. <http://dx.doi.org/10.1037/rev0000093>.
- Kahane, G., Everett, J. A. C., Earp, B. D., Farias, M., & Savulescu, J. (2015). ‘Utilitarian’ judgments in sacrificial moral dilemmas do not reflect impartial concern for the greater good. *Cognition*, 134, 193-209. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2014.10.005>
- Kahane, G., Wiech, K., Shackel, N., Farias, M., Savulescu, J., & Tracey, I. (2012). The neural basis of intuitive and counterintuitive moral judgement. *SCAN*, 7, 393-402.
- Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, J. P. (2012). Utilitarian moral judgment in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 7, 708–714. <http://dx.doi.org/10.1093/scan/nsr048>
- Koenigs, M., Young, L., Adolphs, R., Tranel, D., Cushman, F., & Hauser, M. (2007). Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgments. *Nature*, 446, 908-911.
- Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J. (2001) Adaptação e Validação Interna de Duas Escalas de Empatia para Uso no Brasil. *Revista Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53.
- Majdandzic, J., Bauer, H., Windischberger, C., Moser, E., Engl, E., & Lamm, C. (2012). The Human Factor: Behavioral and Neural Correlates of Humanized Perception in Moral Decision Making. *PLoS ONE* 7(10), e47698.
- McClure, S. M., Botvinick, M. M. M., Yeung, N., Greene, J. D., & Cohen, J. D. (2007). Conflict monitoring in cognition-emotion competition. In *Handbook of emotion regulation* (pp. 204–226). New York, NY: Guilford Press.
- Moore, A. B., Clark, B. A., & Kane, M. J. (2008). Who Shalt Not Kill? Individual Differences in Working Memory Capacity, Executive Control, and Moral Judgment. *Psychological Science*, 19, 549-557.
- Moretto, G., Làdavas, E., Mattioli, F., Di Pellegrino, G. (2009). A psychophysiological investigation of moral judgment after ventromedial prefrontal damage. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 22(8), 1888-1899.
- Pacicco, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Validade. Em Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (orgs), *Psicometria* (71-84). Porto Alegre: Artmed.

- Paharia, N., Kassam, K. S., Greene, J. D., & Bazerman, M. H. (2009). Dirty work, clean hands: The moral psychology of indirect agency. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 109, 134-141.
- Pasquali, L. & Primi, R. (2003). Fundamentos da teoria da resposta ao item - TRI. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 99-110.
- Pletti, C., Lotto, L., Tasso, A., & Sarlo, M. (2016). Will I Regret It? Anticipated Negative Emotions Modulate Choices in Moral Dilemmas. *Frontiers in Psychology*. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01918.
- Schwarz, N., & Clore, G.L. (1996). Feelings and phenomenal experiences. In E.T. Higgins & A. Kruglanski (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles*. New York: The Guilford Press.
- Shenhav, A., & Greene, J. D. (2014). Integrative moral judgment: dissociating the roles of the amygdala and ventromedial prefrontal cortex. *The Journal of Neuroscience*, 34(13), 4741-4749.
- Szekely, R. D., & Miu, A. C. (2015). Incidental emotions in moral dilemmas: The influence of emotion regulation. *Cognition and Emotion*, 29(1), 64-75.
- Tangney, J. P. (1995). *Self-conscious emotions: Shame, guilt, embarrassment, and pride*. *Shame and guilt in interpersonal relationships*. New York: Guilford Press.
- Thomson, J. J. (1985). The Trolley Problem. *The Yale Law Journal*, 94(6), 1395-1415.
- Vázquez, A. S. (1984). *Ética*. Barcelona. Editorial Crítica.
- Wiech, K., Kahane, G., Shackel, N., Farias, M., Savulescu, J., & Tracey, I. (2013). Cold or calculating? Reduced activity in the subgenual cingulate cortex reflects decreased emotional aversion to harming in counterintuitive utilitarian judgment. *Cognition*, 126, 364-372. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2012.11.002>.

Anexos

Anexo A - Oxford Utilitarianism Scale em inglês e em português

Este anexo apresenta as duas subescalas que compõem a Oxford Utilitarianism Scale (Kahane et al., 2017) e que serão objeto de tradução e validação. Após cada item, consta em itálico a versão traduzida para o português do Brasil.

Oxford Utilitarianism Scale

Escala Oxford de Utilitarismo

Impartial Beneficence Sub Scale (OUS-IB):

Subescala de Beneficência Imparcial (OUS-IB):

1. If the only way to save another person's life during an emergency is to sacrifice one's own leg, then one is morally required to make this sacrifice.

1. Se a única maneira de salvar a vida de outra pessoa durante uma emergência é você sacrificar a sua própria perna, então, do ponto de vista moral, o correto é fazer esse sacrifício.

2. From a moral point of view, we should feel obliged to give one of our kidneys to a person with kidney failure since we don't need two kidneys to survive, but really only one to be healthy.

2. Do ponto de vista moral, devemos nos sentir obrigados a dar um de nossos rins a uma pessoa com insuficiência renal, já que não precisamos de dois rins para sobreviver, mas na verdade de apenas um para ser saudável.

3. From a moral perspective, people should care about the well-being of all human beings on the planet equally; they should not favor the well-being of people who are especially close to them either physically or emotionally.

3. De uma perspectiva moral, as pessoas deveriam se preocupar com o bem-estar de todos os seres humanos no planeta igualmente; elas não deveriam favorecer o bem-estar das pessoas que são especialmente próximas a elas, seja física ou emocionalmente.

4. It is just as wrong to fail to help someone as it is to actively harm them yourself.

4. É tão errado deixar de ajudar alguém quanto ativamente prejudicá-lo você mesmo.

5. It is morally wrong to keep money that one doesn't really need if one can donate it to causes that provide effective help to those who will benefit a great deal.

5. É moralmente errado guardar dinheiro do qual não se necessita realmente, quando se pode doá-lo para causas que forneçam ajuda efetiva para outros que irão se beneficiar significativamente.

Instrumental Harm Sub Scale (OUS-IH):

Subescala de Dano Instrumental (OUS-IH):

1. It is morally right to harm an innocent person if harming them is a necessary means to helping several other innocent people.

1. É moralmente correto causar dano a uma pessoa inocente se isso for um meio necessário para ajudar várias outras pessoas inocentes.

2. If the only way to ensure the overall well-being and happiness of the people is through the use of political oppression for a short, limited period, then political oppression should be used.

2. Se o único modo de garantir o bem-estar e a felicidade geral das pessoas for através do uso de opressão política por um período curto e limitado de tempo, então a opressão política deveria ser usada.

3. It is permissible to torture an innocent person if this would be necessary to provide information to prevent a bomb going off that would kill hundreds of people.

3. É admissível torturar uma pessoa inocente, se isso for necessário para obter informações que impeçam a explosão de uma bomba que mataria centenas de pessoas.

4. Sometimes it is morally necessary for innocent people to die as collateral damage—if more people are saved overall.

4. Às vezes é moralmente necessário que pessoas inocentes morram como efeito colateral, se mais pessoas forem salvas no geral.

Anexo B - Teste de Juízo Moral

The *Moral Competence Test* (MCT-xt)

Edição em Português

O proprietário do copyright de todas as versões do Teste de Competência Moral é o autor, Dr. Georg Lind. O MCT pode ser copiado livremente quando usado para pesquisa e ensino em instituições públicas. Para o uso do MCT em instituições privadas ou em projetos comerciais (programas de avaliação ou semelhantes), por favor contate o autor. O copyright conjunto para a versão em português é com a Dra. Patricia Bataglia.

O MCT foi elaborado para uso em pesquisas e projetos de avaliação. Ele não foi desenhado como instrumento para diagnóstico individual ou com propósitos de seleção.

O MCT foi elaborado para acessar a competência de juízo moral de sujeitos. Esta competência foi definida por Kohlberg como a capacidade de tomar decisões e juízos que são morais (i.e. baseado em princípios internos) e agir de acordo com tais juízos.

Instruções

Você está recebendo três dilemas éticos para serem analisados: I) Dilema dos operários, II) Dilema do médico e III) Dilema do Juiz. Inicie com o dilema dos operários (I). Leia atentamente a descrição do dilema e a solução para ele apresentada. Você deve então, em primeiro lugar, julgar o comportamento dos operários. O que você acha da atitude tomada? Por favor, responda no item A, na escala de -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3 o quanto você concorda ou discorda com o comportamento dos operários. Em seguida, na parte B encontram-se 6 argumentos A FAVOR da atitude dos operários e na parte C, 6 argumentos CONTRA essa mesma atitude. A sua tarefa é decidir, em uma escala de -4, -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3, 4 o quanto você aceita ou não, cada um dos argumentos oferecidos em ambas as partes. Assim que terminar, siga as mesmas instruções para o dilema do médico que se encontra no verso e, em seguida, para o do juiz.

Note que as escalas que você encontrará devem ser interpretadas da seguinte forma:

-4	Rejeito completamente
-3	Rejeito fortemente
-2	Rejeito
-1	Rejeito um pouco
0	Indeciso ou impossível decidir
+1	Aceito um pouco
+2	Aceito
+3	Aceito fortemente
+4	Aceito completamente

1 Endereço do autor: Prof. Dr. Georg Lind, University of Konstanz, Department of Psychology,
 D-78457 Konstanz, Germany. Fax: +49-7531 882899, Phone: +49-7531 882895.
 E-mail: Georg.Lind@uni-konstanz.de. [Http://www.uni-konstanz.de/ag-moral/](http://www.uni-konstanz.de/ag-moral/)
 © MJT 1977-2005 by G. Lind & Patricia Bataglia (1998, for the Portuguese version).
<http://www.uni-konstanz.de/ag-moral>

I. Dilema dos Operários

Devido a existência de demissões aparentemente infundadas, alguns operários de fábrica suspeitam que a chefia esteja ouvindo as conversas dos empregados através de um microfone oculto, e usando tais informações contra os empregados. A chefia oficialmente nega essas acusações enfaticamente. O sindicato declara que só tomará providências contra a companhia quando forem encontradas provas que confirmem as suspeitas. Sendo assim, dois operários decidem arrombar o escritório administrativo e roubam uma transcrição de uma gravação que prova a alegação de espionagem por parte da chefia.

	Forte discordância	Forte concordância
A - Você discorda ou concorda com o comportamento dos operários?	-3 -2 -1 0 +1 +2 +3	
B - Os seguintes argumentos são a favor do comportamento dos dois operários. Suponha que alguém dê essas justificativas para agir como os operários agiram. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento	Eu aceito completamente este argumento
1. Eles não causaram muitos prejuízos para a companhia.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
2. Devido ao desrespeito da companhia em relação às leis, os meios utilizados seriam permitidos com o objetivo de restabelecer a lei e a ordem.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
3. A maioria dos operários aprovaria o que foi feito e muitos deles ficariam inclusive satisfeitos.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
4. A confiança entre as pessoas e a dignidade contam mais do que regulamentos internos da empresa.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
5. Desde que a companhia cometeu uma injustiça em primeiro lugar, os operários estariam justificados em arrombar o escritório.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
6. Os operários não viram nenhum meio legal de revelar o mau uso que a companhia fazia das informações dessa forma obtidas e, portanto, escolheram fazer aquilo que consideraram "mal menor".	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
C - Os seguintes argumentos são contra o comportamento dos dois operários. Suponha que alguém dê essas justificativas para não agir como os operários agiram. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento	Eu aceito completamente este argumento
7. A lei e ordem na sociedade seriam colocadas em risco se todos agissem como esses dois operários agiram.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
8. Não se deve violar um direito básico como o direito à propriedade e tomar a lei em suas próprias mãos, a menos que algum princípio moral universal justifique agir assim.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
9. É imprudente arriscar-se a ser demitido da empresa por causa de outras pessoas	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
10. Os operários deveriam ter percorrido os canais legais existentes ao invés de ter agido contra a lei.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
11. Se a pessoa quer ser considerada correta e decente, ela não invade um recinto alheio para apropriar-se do que quer que seja.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
12. Os operários não foram afetados pela demissão dos outros empregados e portanto, não tinham nenhuma razão para roubar as transcrições.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	

II. Dilema do Médico

Havia uma mulher com câncer e não existia nenhuma esperança de salvá-la. Ela estava sofrendo de dores terríveis e tão fraca que uma dose maior de um analgésico como morfina, por exemplo, a mataria. Durante um período de temporária melhora, ela implorou ao médico que lhe desse morfina suficiente para matá-la. Ela disse que não poderia suportar a dor muito tempo mais e que estaria morta em poucas semanas de qualquer modo. O médico atendeu seu desejo.

	Forte discordância	Forte concordância
A - Você discorda ou concorda com o comportamento do médico?	-3 -2 -1 0 +1 +2 +3	
B - Os seguintes argumentos são a favor do comportamento do médico. Suponha que alguém dê essas justificativas para dizer que o médico agiu corretamente. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento	Eu aceito completamente este argumento
1. O médico tinha que agir de acordo com sua consciência. O estado de saúde da mulher justificava uma exceção à obrigação moral de preservação da vida.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
2. O médico era o único que poderia realizar o desejo dessa mulher; o respeito pela vontade dela fez com que agisse como agiu.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
3. O médico apenas fez o que a mulher pediu a ele. Ele não precisava se preocupar com possíveis consequências negativas.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
4. A mulher teria morrido de qualquer forma e não custou nada a ele dar-lhe uma overdose de analgésico.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
5. O médico não agiu realmente contra a lei uma vez que a mulher não poderia ter sido salva e ele apenas quis abreviar seu sofrimento.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
6. Os seus amigos, parentes e colegas médicos, provavelmente concordariam que a eutanásia era a melhor alternativa para aquela mulher.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
C - Os seguintes argumentos são contra o comportamento do médico. Suponha que alguém dê essas justificativas para dizer que o médico agiu de modo errado. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento	Eu aceito completamente este argumento
7. Ele agiu contra as convicções de seus colegas. Se os médicos são contrários à eutanásia, ele não deveria tê-la praticado.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
8. Deve-se ter absoluta confiança no juramento médico de preservar a vida ainda que se trate de alguém que esteja sofrendo muita dor ou quase morrendo.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
9. A preservação da vida é a mais alta obrigação moral de cada um de nós. Como nós não temos critérios morais claros para diferenciar eutanásia de assassinato, não se tem o direito de decidir sobre a vida ou morte de ninguém.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
10. O médico poderia se envolver em sérios problemas. Outras pessoas já foram severamente punidas por fazer algo semelhante.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
11. Seria muito mais fácil ele esperar e não interferir na morte da paciente.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	
12. O médico agiu contra a lei. Sendo a eutanásia ilegal, não se deve aceitar pedidos como o daquela paciente.	-4 -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 +4	

III. Dilema do Juiz

O serviço secreto de um país europeu tem evidências de que um grupo terrorista está planejando um ataque de bomba a um trem muito usado no horário de rush. O ataque está previsto para amanhã. Os terroristas pretendem matar duzentas pessoas e o grupo é conhecido por sua crueldade. O serviço secreto prendeu uma mulher que se sabe ser uma das líderes do grupo terrorista. Há evidências de que a mulher participou do plano de ataque. A polícia acredita que poderia prevenir o ataque se conseguisse que ela falasse. Eles entrevistaram a mulher por várias horas. Entretanto, ela se recusa totalmente a cooperar. O serviço secreto teme que a mulher não fale antes que seja muito tarde para prevenir o ataque. Portanto, eles pedem a permissão ao juiz responsável pela investigação, a permissão para torturá-la e obrigá-la a falar. Nesse país a tortura é proibida por lei. A despeito disso, o juiz deu permissão para torturar a mulher visando prevenir o ataque e salvar a vida de várias pessoas.

	Forte discordância							Forte concordância	
A. Você discorda ou concorda com o comportamento do juiz?	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3		
B - Os seguintes argumentos são a favor do comportamento do juiz. Suponha que alguém dê essas justificativas para dizer que o juiz agiu corretamente. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento							Eu aceito completamente este argumento	
1. O juiz está certo porque esta seria a melhor forma de prevenir ataques futuros.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
2. Numa situação extrema, o direito das vítimas tem peso maior do que os direitos do suspeito.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
3. O juiz tem a autoridade para decidir e não precisa se preocupar com consequências futuras	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
4. O juiz deve fazer o que ordena sua consciência. Salvar a vida das vítimas, justifica uma exceção à obrigação moral de respeito à vida em geral.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
5.. Como membro da justiça, o juiz tem a obrigação de salvar vidas.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
6. A maioria de seus colegas juizes, provavelmente teria feito o mesmo, se estivesse no seu lugar. O juiz teria a aprovação de seus colegas.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
Os seguintes argumentos são <i>contra</i> o comportamento do juiz. Suponha que alguém dê essas justificativas para não agir como o juiz agiu. Você considera essas justificativas aceitáveis? Em uma escala de -4 a +4, como você as classificaria?	Eu rejeito completamente este argumento							Eu aceito completamente este argumento	
7. A tortura viola os direitos do suspeito e todas as pessoas têm os mesmos direitos.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
8. Um juiz deve seguir a lei e nesse país a tortura é ilegal.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
9. O juiz não deveria ter permitido a tortura porque ele poderia ser condenado pelas instâncias superiores.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
10. Ele agiu contra a convicção de seus colegas juizes e por isso perderia o respeito de seu grupo.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
11. O juiz está errado porque a vida humana deve ser o mais alto valor moral. Uma vida humana não pode ser usada como meio para atingir um fim.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
12. Agindo assim, o juiz arriscou sua própria reputação.	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4

Anexo C - Dilemas *footbridge* e *switch*

Este anexo apresenta as duas versões do dilema trolley que serão utilizadas no primeiro estudo. No segundo e no terceiro estudo, serão utilizadas as versões que passarem pelo processo de tradução do Estudo 2. O primeiro foi criado por Foot (1967) e o segundo por Thomson (1985).

1. Dilema *switch*

Você está operando o interruptor de uma estação ferroviária quando você vê um vagão vazio fora de controle descendo o trilho principal. Ele está se movendo tão rápido que se ele bater em alguém essa pessoa irá morrer imediatamente. O vagão está indo na direção de cinco funcionários que estão trabalhando nos trilhos. Você pode virar o interruptor, redirecionando o vagão para o trilho ao lado onde há um funcionário trabalhando. Se você fizer isso, o vagão vai bater e matar este funcionário, salvando os outros cinco funcionários.

2. Dilema *footbridge*

Um vagão vazio fora de controle descendo o trilho principal. Ele está se movendo tão rápido que se ele bater em alguém essa pessoa irá morrer imediatamente. O vagão está indo na direção de cinco funcionários que estão trabalhando nos trilhos. Você está em uma passarela sobre os trilhos, entre o vagão e os cinco funcionários. Você está muito longe dos trabalhadores para avisá-los do perigo iminente, mas próxima a vocês na passarela há uma pessoa muito grande que está carregando uma mochila pesada. Se você empurrar essa pessoa para os trilhos, o peso combinado da pessoa mais a mochila será suficiente para parar o vagão antes que ele atinja os quatro operários. Você é leve demais para parar o vagão e não tem tempo para colocar a mochila.

Anexo D - Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis (EMRI): Consideração Empática (CE), Tomada de Perspectiva do Outro (CG) e *Personal Distress* (CC)

As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, indique quanto seu pensamento ou sentimento é descrito pela afirmação escolhendo sua posição na escala abaixo (“não me descreve bem”/”descreve-me muito bem”). Quando você tiver decidido sua resposta circule o número apropriado ao lado da afirmação. Leia cada item com muito cuidado antes de responder. Responda o mais honestamente possível. Obrigado!

1. Eu frequentemente tenho sentimentos de ternura e preocupação por pessoas menos afortunadas do que eu.
2. Às vezes, eu tenho dificuldade de ver as coisas do ponto de vista dos outros.
3. Às vezes, eu não lamento muito por outras pessoas que estão tendo problemas.
4. Em situações de emergência, eu me sinto ansioso e desconfortável.
5. Eu tento considerar os argumentos de todas as pessoas em uma discussão antes de tomar uma decisão.
6. Quando eu vejo alguém sendo logrado eu sinto vontade de protegê-lo.
7. Às vezes, eu me sinto desconfortável quando estou no meio de uma situação muito emotiva.
8. Às vezes, eu tento entender melhor meus amigos, imaginando como as coisas são vistas da perspectiva deles.
9. Quando eu vejo alguém se ferir, eu tento a permanecer calmo.
10. As desgraças e os problemas dos outros em geral não me perturbam muito.
11. Se eu tenho certeza de que eu estou correto sobre alguma coisa, eu não desperdiço muito tempo ouvindo os argumentos de outras pessoas.
12. Estar em uma situação emocional tensa assusta-me.
13. Quando eu vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele.
14. Geralmente eu sou muito efetivo para lidar com emergências.
15. Frequentemente eu fico emocionado com coisas que eu vejo acontecer.

16. Eu acredito que existem dois lados para cada questão e tento olhar para ambos.
17. Eu descreveria a mim mesmo como uma pessoa de coração mole.
18. Eu tendo a perder o controle durante emergências.
19. Quando eu estou incomodado com alguém, geralmente eu tento me colocar em seu lugar por um momento.
20. Quando eu vejo alguém que tem grande necessidade de ajuda em uma emergência, eu fico desesperado.
21. Antes de criticar alguém, eu tento imaginar como eu me sentiria, se eu estivesse em seu lugar.

Anexo E - Questionário de Regulação Emocional

O presente anexo conta com os itens do Questionário de Regulação Emocional (Batistoni et al., 2013), versão traduzida para o uso na população brasileira do *Emotion Regulation Questionnaire* (Gross & John, 2003).

1. Quando quero sentir mais emoções positivas (como alegria ou contentamento), mudo o que estou pensando.
2. Eu conservo as minhas emoções para mim.
3. Quando quero sentir menos emoções negativas (como tristeza ou raiva) mudo o que estou pensando.
4. Quando estou sentindo emoções positivas, tenho cuidado para não expressá-las.
5. Quando estou perante uma situação estressante, procuro pensar de uma forma que me ajude a ficar calmo.
6. Eu controlo as minhas emoções não as expressando.
7. Quando quero sentir mais emoções positivas, eu mudo o que estou pensando em relação à situação.
8. Eu controlo as minhas emoções modificando a forma de pensar sobre a situação em que me encontro.
9. Quando estou sentindo emoções negativas, tento não expressá-las.
10. Quando eu quero sentir menos emoções negativas, mudo à forma como estou pensando em relação à situação.

Anexo F - Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral

Prezado respondente,

Agora você será direcionado a um questionário sociodemográfico e de saúde geral. Você poderá fazer perguntas sempre que precisar.

Sexo:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Raça:

- Caucasiano
- Negro
- Amarelo
- Pardo
- Outro (especifique) _____

Nível de instrução:

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação completa

Situação ocupacional:

- Estudante

- Estudante (bolsista)
- Estagiário
- Profissional liberal
- Empregado com carteira assinada
- Empregado sem carteira assinada
- Funcionário público
- Autônomo
- Do lar
- Sem atividade remunerada
- Outro (especifique) _____

Nacionalidade:

- Brasileira
- Outra (especifique) _____

Em que cidade você nasceu? _____

UF:

AC	AL	AP
AM	BA	CE
DF	ES	GO
MA	MT	MS
MG	PA	PB
PR	PE	PI
RJ	RN	RS
RO	RR	SC
SP	SE	TO

Em que cidade você residiu a maior parte de sua vida? _____

UF:

AC	AL	AP
AM	BA	CE
DF	ES	GO
MA	MT	MS
MG	PA	PB
PR	PE	PI
RJ	RN	RS
RO	RR	SC
SP	SE	TO

Em que cidade você mora? _____

UF:

AC	AL	AP
AM	BA	CE
DF	ES	GO
MA	MT	MS
MG	PA	PB
PR	PE	PI
RJ	RN	RS
RO	RR	SC
SP	SE	TO

Religião:

- Sem religião
- Ateu
- Agnóstico

- Batizado na Igreja católica, mas não praticante.
- Budismo
- Candomblé
- Católica
- Católica apostólica brasileira
- Católica apostólica romana
- Católica ortodoxa
- Cientologia
- Espírita
- Espiritualista
- Evangélica
- Evangélica luterana
- Evangélica presbiteriana
- Evangélica metodista
- Evangélica batista
- Evangélica congregacional
- Evangélica adventista
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Assembleia de Deus
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Congregação Cristã do Brasil
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja O Brasil para Cristo
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Evangelho Quadrangular
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Casa da Bênção
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Deus é Amor
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Maratana
- Evangélica de origem pentecostal - Igreja Nova Vida
- Hinduísmo
- Igreja de Jesus cristo dos Santos dos últimos dias
- Igreja messiânica mundial
- Islamismo
- Judaísmo

- Umbanda
- Umbanda e candomblé
- Testemunhas de Jeová
- Tradições esotéricas
- Tradições indígenas
- Outra (especifique) _____

Usa alguma medicação atualmente, incluindo psicofármacos?

- Sim
- Não

Qual(is): _____

Dose(s): _____

Já realizou ou realiza algum tipo de tratamento psiquiátrico ou psicológico?

- Sim, realizo.
- Sim, realizei.
- Não

Qual(is)? _____

Fumante?

- Sim
- Não
- Fumo raramente
- Outro (especifique) _____

Você ingere bebidas alcoólicas com que frequência?

- Não bebo.
- Uma ou duas vezes ao ano.
- Uma ou duas vezes a cada seis meses.
- Uma ou duas vezes a cada três meses.
- Uma ou duas vezes por mês.

- Uma vez por semana.
- Duas vezes por semana.
- Três vezes por semana.
- Quatro ou cinco vezes por semana.
- Diariamente.
- Outro (especifique) _____

Você ingeriu álcool ou consumiu alguma outra droga hoje?

- Sim
- Não

A que horas, o que e qual a quantidade? _____

Hoje em dia você faz uso de alguma droga, mesmo que ocasionalmente?

- Sim
- Não

Qual(is): _____

Quantidade: _____

Periodicidade:

- Diariamente
- De 4 a 6 dias por semana
- De 2 a 3 dias por semana
- 1 vez por semana
- 2 ou 3 vezes ao mês
- 1 vez ao mês
- 1 vez a cada 3 meses
- 1 vez a cada 6 meses
- 1 vez ao ano
- Outro (especifique) _____

Você usou drogas no passado?

- Sim

Não

Qual(is): _____

Quantidade: _____

Periodicidade:

- Diariamente
- De 4 a 6 dias por semana
- De 2 a 3 dias por semana
- 1 vez por semana
- 2 ou 3 vezes ao mês
- 1 vez ao mês
- 1 vez a cada 3 meses
- 1 vez a cada 6 meses
- 1 vez ao ano
- Outro (especifique) _____

Você possui algum transtorno neurológico?

- Sim
- Não sei, mas acho que sim.
- Não
- Não sei, mas acho que não.

Qual(is): _____

Atualmente, você sofre de algum transtorno psiquiátrico?

- Não.
- Suspeito que sim.
- Sim.
- Outro (especifique) _____

Qual(is): _____

Você toma alguma medicação ou realiza algum tipo de terapia/tratamento para isso?

- Sim, estou medicado.
- Sim, faço terapia.
- Sim, estou medicado e faço terapia.

- Não.
- Outro (especifique) _____

Anexo G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS SOBRE A PESQUISA

1. Título da Pesquisa: Dano instrumental, imparcialidade, e regulação emocional em decisões morais

2. Pesquisador responsável: Dr. Gustavo Gauer (Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Pesquisadora executante: Bruna Wagner Fritzen (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

3. Avaliação do risco da pesquisa: MÍNIMO

4. Justificativa e objetivo: Os objetivos do presente estudo são: 1) traduzir e adaptar a OUS para uso no Brasil; 2) apresentar evidências de validade convergente para a versão brasileira Escala Oxford de Utilitarismo por meio da correlação das suas dimensões (dano instrumental e beneficência imparcial) com escores de empatia, competência moral e regulação emocional; e 3) testar um modelo de regressão para explicar a decisão em dilemas tipo *trolley* integrando empatia, competência moral, regulação emocional, e as duas dimensões de utilitarismo.

5. Procedimentos: Você será requisitado a responder às questões dos seguintes instrumentos: Escalas Likert sobre emoções morais;

- Oxford Utilitarianism Scale traduzida para o português;
- Teste de Juízo Moral;
- Dilemas *trolley* em duas versões;
- Escalas Likert sobre emoções morais;
- Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal;
- Questionário de Regulação Emocional;
- Questionário Sociodemográfico e de Saúde Geral.

6. Riscos e inconveniências: Há a possibilidade de você se sentir cansado(a), desconfortável ou levemente abalado(a) pelas situações ficcionais de violência. Caso haja qualquer inconformidade com alguma situação da tarefa ou no caso de necessidade, você será devidamente encaminhado para serviços de atendimento psicológico. Por este procedimento já vir sendo usado em numerosos estudos sem a descrição de ocorrência de qualquer prejuízo aos participantes, entende-se que o risco é inferior aos benefícios que os participantes possam vir a obter.

7. Potenciais benefícios: Os benefícios da sua participação serão a contribuição para a Ciência, especialmente para o desenvolvimento da área de julgamento e tomada de decisão morais; e a reflexão sobre o que interfere na sua tomada de decisão e sobre a efemeridade do que temos por certo e errado.

Como participante da pesquisa, você terá assegurados os seguintes direitos:

a) Garantia do uso dos dados coletados apenas para o objetivo deste estudo: Os dados que você dará serão utilizados somente para os objetivos dessa pesquisa.

b) Sigilo e privacidade: As informações que você dará (os questionários preenchidos) serão mantidas em lugar seguro e os participantes não serão identificados. A identificação só poderá ser realizada pelo pessoal envolvido diretamente com o projeto. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes que possam identificá-lo. As respostas dos questionários serão registradas em um banco de dados acessado apenas pelos pesquisadores responsáveis ou assistentes de pesquisa treinados. Os dados da pesquisa ficarão armazenados digitalmente por 5 anos sob a guarda dos pesquisadores responsáveis e serão destruídos após esse período.

c) Direito a informação: Em qualquer momento você poderá obter mais informações com o Prof. Dr. Gustavo Gauer pelo e-mail gusgauer@gmail.com ou presencialmente na Rua Ramiro Barcelos, 2600, 1º andar, sala 123, Porto Alegre - RS, Brasil. Ele estará apto a esclarecer suas dúvidas. Você também poderá solicitar informações de qualquer conhecimento significativo descoberto durante este projeto.

d) Direito de informação sobre aspectos éticos da pesquisa: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS) pelo e-mail cep-psico@ufrgs.br ou presencialmente.

e) Despesas e compensações: Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar pela sua participação. No entanto, caso você tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme determina a lei.

f) Direito a não participar ou interromper sua participação no estudo: Você tem liberdade para se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo para você.

g) Garantia de assistência: Você será devidamente informado acerca de encaminhamento para locais de assistência à saúde (unidades básicas de saúde, clínicas-escola e clínicas particulares) caso assim deseje ou caso seja necessário.

8. O presente termo está disponível para download e impressão de uma cópia com as assinaturas do pesquisador através do link: (o link será desenvolvido e posto aqui).

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim descrevendo o estudo. Concordo voluntariamente com a minha participação e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Sou maior de 18 anos e aceito participar da pesquisa.

Anexo H - Aprovação do Comitê de Ética

Saúde
Ministério da Saúde

Plataforma
Brasil

principal sair

Público Pesquisador Alterar Meus Dados

Bruna Wagner Fritzen - Pesquisador | V3.2

Cadastros Sua sessão expira em: 39min 30

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dimensões de Utilitarismo e Regulação da Emoção em Dilemas Morais
Pesquisador Responsável: Gustavo Gauer
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 03418818.4.0000.5334
Submetido em: 07/11/2018
Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

COORDENADOR ORIGINAL

Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1189724